



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CFH – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MANOELA DE SOUZA

MEIO AMBIENTE E SOCIABILIDADE:
Um estudo da urbanização no bairro João Paulo, Florianópolis/SC
(1970-2000)

FLORIANÓPOLIS/SC

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CFH – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MANOELA DE SOUZA

MEIO AMBIENTE E SOCIABILIDADE:

Um estudo da urbanização no bairro João Paulo, Florianópolis/SC (1970-2000)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Prof. Dr. João Klug.

FLORIANÓPOLIS/SC
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e quinze, às vinte horas, na sala dez do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **João Klug**, Orientador e Presidente, a Doutoranda **Giovana Callado Ferreira**, Titular da Banca, e a Doutoranda **Ângela Bernadete Lima**, Suplente, designados pela Portaria nº 110/TCC/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Manoela de Souza**, subordinado ao título: “**Meio Ambiente e Sociabilidade: um estudo da urbanização no bairro João Paulo, Florianópolis/SC (1970-2000)**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor **João Klug**, a nota final *10,0*, da Doutoranda **Giovana Callado Ferreira**, a nota final *10,0*, e Doutoranda **Ângela Bernadete Lima**, a nota final *10,0*, sendo aprovada com a nota final *10,0*. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia onze de dezembro de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 30 de novembro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. João Klug *João Klug*

Doutoranda Giovana Callado Ferreira *Giovana Callado Ferreira*

Doutoranda Ângela Bernadete Lima *Ângela B. Lima*

Candidata Manoela de Souza *Manoela de Souza*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o(a) acadêmico(a) Manoela de Souza, matrícula n.º 11201609, entregou a versão final de seu TCC cujo título é *Meio Ambiente e Sociabilidade: um estudo da urbanização no bairro João Paulo, Florianópolis/SC (1970-2000)*, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 08 de dezembro de 2015.

Assinatura manuscrita do orientador(a) sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas e todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse ao fim desta jornada na graduação, em especial:

Minha mãe, Maria Bernadete Leal, por todo o carinho e apoio que tem dedicado a mim por toda a vida;

Meu pai, Ivan Francisco de Souza, por todo o cuidado e ajuda com as entrevistas para a pesquisa;

Minha irmã, Renata Regina de Souza, que desde cedo me ensinou a amar a natureza e sempre me apoiou, mesmo quando escolhi cursar História ao invés de Geografia;

Minha avó, Dilma dos Santos Souza, por ter sido a primeira a comemorar comigo quando fui aprovada no vestibular, e por todo o carinho e cuidado;

Meu companheiro, Marcos Lauermann dos Santos, que sofreu e sorriu junto a mim nesses quatro anos e meio de graduação, sempre ao meu lado nos momentos bons e ruins;

Meu orientador, Professor Dr. João Klug, pela paciência e carinho, fazendo dessa jornada muito mais calma;

Os moradores do bairro João Paulo, que me acolheram em suas casas e cederam tempo para minhas entrevistas;

Meus amigos, em especial os futuros e já historiadores que conheci durante a graduação e estágios da área, e a turma do “Cretinos”, que estavam sempre prontos para uma palavra encorajadora quando eu não acreditava em mim mesma.

RESUMO

Com o crescimento urbano descentralizado que Florianópolis vivenciou a partir da década de 1960, muitos dos bairros da cidade com características rurais, passaram também por mudanças. O bairro João Paulo é um deles, o qual ao longo das décadas de 1970 e 2000 teve diferentes fases de urbanização, entre elas a crescente e rápida diminuição de áreas verdes, primeiramente para a construção de casas e, num momento posterior, para a verticalização com a construção de diversos prédios. Situação essa que, aliada à propaganda turística voltada para as belezas naturais e tranquilidade da cidade, ocasionou em um processo de elitização do bairro, seguida de um encarecimento do local. Durante esses anos, os moradores tradicionais tiveram de adaptar sua vida essencialmente rural e de pesca, ao novo modelo de cidade urbana. Portanto, pretende-se nesta pesquisa, fazer uma análise do efeito da urbanização nas transformações ambientais e nas relações de sociabilidade do bairro João Paulo, através de oito entrevistas orais com os moradores, homens e mulheres, em idades entre 34 e 86 anos.

Palavras-chave: Expansão Urbana; Bairro João Paulo/Florianópolis; Meio Ambiente; Sociabilidade; História Oral.

ABSTRACT

With decentralized urban growth Florianopolis experienced from the 1960s, many of the city neighborhoods with rural characteristics have also undergone changes. The João Paulo neighborhood is one of them, which over the decades of 1970 and 2000 had different stages of urbanization, including the increasingly rapid depletion of green areas, first to build houses and then, to the vertical with the construction of many buildings. This situation, together with the tourist publicity dedicated to the natural beauty and tranquility of the city, resulted in a gentrification process of the neighborhood, followed by an enhancement of the site. During those years, the traditional inhabitants have had to adapt its essentially rural life and fishing, the new urban city model. Therefore, it is intended in this research to analyze the effect of urbanization on environmental changes and on sociability relations of João Paulo neighborhood, through eight oral interviews with the residents, men and women, aged 34 to 86 years.

Keywords: Urban Expansion; João Paulo Neighborhood/Florianópolis; Environment; Sociability; Oral History.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Bairro João Paulo em 1938	17
Imagem 02 – Bairro João Paulo em 1957	17
Imagem 03 – Bairro João Paulo em 1977	30
Imagem 04 – Anúncio de casa no bairro Saco Grande I, atual João Paulo, em 1990	31
Imagem 05 – Anúncio de venda ou troca de lote no Saco Grande, atual João Paulo, em 1990	31
Imagem 06 – Bairro João Paulo em 1994	32
Imagem 07 – Processo de elitização do bairro João Paulo	42
Imagem 08 – Processo de verticalização do bairro João Paulo	42
Imagem 09 – Despejos de efluentes sanitários do bairro João Paulo	44
Imagem 10 – Placa que identifica o acesso à praia do Barcelá	51
Imagem 11 – Muro retirado e acesso precário à praia do Barcelá	52
Imagem 12 – Muro que impede a passagem à APP – Ponta do Goulart.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – Um breve olhar sobre a Florianópolis anterior à expansão urbana: seus indivíduos, modos de vida e de trabalho	12
1.1 Florianópolis: considerações em torno do seu crescimento	12
1.2 Lavadeiras, quitandeiros, lavradores e pescadores: memórias do bairro João Paulo antes da urbanização	15
CAPÍTULO II – De Saco Grande a João Paulo: o crescimento da urbanização em Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970 e suas consequências no bairro	25
2.1 Florianópolis: a ascensão como polo administrativo	25
2.2 João Paulo em crescimento: permanências, mudanças e conflitos	29
CAPÍTULO III – Quanto custa o pôr do sol?: especulação imobiliária, diferentes moradores e embates entre o público e o privado no João Paulo	41
3.1 A verticalização das construções no João Paulo dos anos 2000 e suas consequências	41
3.2 A apropriação da natureza pelo mercado imobiliário: disputas entre o público e o privado	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
FONTES	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXOS	62

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por tema central o processo de urbanização ocorrido no bairro João Paulo, pertencente ao município de Florianópolis, entre os anos de 1970 e 2000. O período de recorte temporal foi escolhido, por ter nesses 30 anos, os principais momentos de mudanças do rural para o urbano no bairro em questão, e também para evitar que a análise caísse na generalização ao se estudar mais de 80 anos de transformações. Porém trata-se brevemente do período anterior da urbanização local, ou seja, os anos 1930 e 1950, e o posterior, trazendo alguns dos problemas atuais do João Paulo.

Busca-se pontuar e entender as principais mudanças ocorridas no bairro, suas características antes, durante e depois do crescimento urbano e o que essa situação afetou positiva e negativamente na vida de seus moradores tradicionais e simples. Pretende-se, portanto, compreender o quanto essa urbanização transformou o meio ambiente e as relações sociais no bairro, pois acredita-se ser de fundamental importância entender este momento de intensa mudança e suas consequências na sociabilidade, costumes e tradições dos antigos moradores do bairro, habituados à pesca e a um ambiente rural, em choque com as novidades trazidas pelo modelo de cidade urbana.

Busca-se ainda estudar as disputas entre público e privado, que se intensificaram com essa urbanização, como condomínios e casas de luxo passando a ocupar e fechar espaços públicos de praia, e até mesmo com o pôr do sol deixando de ser visto por todos tão facilmente quanto antes, pois, a partir do final dos anos de 1990 e início de 2000, o mesmo passou a ser propagandeado pelo mercado imobiliário e admirado da janela da sala por aqueles de classe média e alta, com condições financeiras de comprar apartamento em um dos grandes prédios construídos na beira da praia. Praia essa que foi aos poucos perdendo seus recursos, em consequência da poluição, e prejudicando a vida de muitos moradores tradicionais do bairro, que utilizam-se da pesca como forma de trabalho ou de complemento para a renda familiar.

Algumas poucas pesquisas acadêmicas foram feitas sobre este assunto, contudo estão na área da geografia ou da sociologia, portanto, a interdisciplinaridade será fundamental para esta pesquisa. Todavia, para trabalhar do ponto de vista histórico, serão utilizadas como fontes: classificados de jornais, propagandas imobiliárias, fotografias do bairro e, principalmente, a história oral.

O presente trabalho segue a linha de pesquisa da história socioambiental. Dessa forma, ao considerar a relação entre ser humano e natureza, a história ambiental, como tem sido

trabalhada na atualidade, surgiu de um vasto processo de revisionismo histórico no século XX, onde a história não mais deveria ser fundamentada pelos ícones e grandes heróis, mas sim compreendida através de outras vozes: de pobres, índios, negros, mulheres, crianças.

Ao se aprofundar ainda mais neste revisionismo, na história dita “de baixo”, chega-se à terra. A história ambiental passou a ter mais espaço de discussão a partir da década de 1970, com os movimentos ambientalistas e conferências sobre crises globais. Entre outras questões, ela refuta a ideia de que as ações dos seres humanos não possuem consequências ambientais ou que o ser humano não sofreu e sofre influência da natureza.¹

Sendo a história construída pelas mulheres e homens de seus tempos, a natureza transforma-se também a partir dos usos que esses seres humanos implicam a ela. A importância desta pesquisa está em utilizar da história ambiental para entender os usos da natureza através dos tempos no bairro em questão, e suas consequências para o meio e os seres humanos, bem como para buscar estratégias de conscientização e mudanças.

Por ser um tema ainda pouco estudado no campo da história, será utilizado como fonte principal da pesquisa, a história oral. Segundo Michael Pollak², o historiador deve saber criticar tanto a fonte oral quanto a escrita, não creditando a essa última a total veracidade do que apresenta. O autor atenta também para a subjetividade da história oral, mostrando noções de uma memória seletiva, que não necessariamente é feita de maneira consciente, podendo partir tanto do indivíduo quanto de uma comunidade. Memória essa que se modifica ao passar dos tempos, e que pode sim ser baseada em fatos, porém deve-se usar da crítica para analisar os acontecimentos, personagens ou lugares, como possíveis projeções do depoente. “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”³. Verena Alberti aponta para o grande preconceito em relação à história oral, dando-se em partes pelo entendimento errôneo de alguns estudiosos, ao creditar ao relato oral, a própria “História”, ou por acreditar que, através deste relato, chegar-se-ia à “verdade do povo”⁴. Porém, como já citado acima, a memória, tanto de um indivíduo quanto de uma comunidade tem sua subjetividade e pode tornar-se seletiva por diversos motivos, até mesmo de maneira inconsciente. Desta forma, a história oral deve ser utilizada como mais uma fonte de análise e não como uma definição da realidade.

¹ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, pp. 198-215.

² POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 20.

³ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155.

⁴ Ibidem. p. 158.

O historiador que trabalha com a história oral constrói sua própria fonte. Sendo assim, nesta pesquisa se trabalhará com os moradores tradicionais do bairro João Paulo, principalmente pescadores ou familiares de pessoas ligadas a esta prática. Para isto foram realizadas oito entrevistas⁵, com homens e mulheres em idades entre 34 e 86 anos, os quais passaram por grande parte das etapas e mudanças do bairro e podem trazer memórias importantes sobre esses acontecimentos.

A presente pesquisa divide-se em 3 capítulos. O primeiro, intitulado *Um breve olhar sobre a Florianópolis anterior à expansão urbana: seus indivíduos, modos de vida e de trabalho*, é dividido em dois subcapítulos. *Florianópolis: considerações em torno do seu crescimento* tratará brevemente, como o próprio título fala, do crescimento da cidade, de seus moradores e de como eles se utilizavam da natureza em cada período. Desde as ocupações de sambaquis há 5 mil anos, passando pelos indígenas guaranis e posteriormente os navegantes e náufragos das expedições marítimas de Portugal e Espanha no século XVI; até as tentativas de povoamento por vicentistas e a fundação da póvoa de Nossa Senhora de Desterro, por Francisco Dias Velho, no século XVII; terminando por fim, com a chegada dos açorianos e madeirenses à ilha no século XVIII e as primeiras mudanças mais sérias, no século XIX, com o florescimento da economia portuária da cidade. O segundo subcapítulo *Lavadeiras, quitandeiros, lavradores e pescadores: memórias do bairro João Paulo antes da urbanização*, apresentará o bairro João Paulo antes de seu crescimento urbano, através de imagens e das próprias memórias dos entrevistados. Nesta parte serão analisadas as entrevistas dos moradores da primeira geração, com idades entre 53 e 86 anos, que em seus relatos contam histórias de um bairro de chão de terra batida, sem água encanada, sem luz, sem transporte, sem acesso fácil à hospitais e postos de saúde, sem muitas oportunidades de trabalho, onde os homens trabalhavam ou com a pesca ou, para quem tinha terras, com plantações, e, já as mulheres, além de donas de casa, trabalhavam como lavadeiras ou rendeiras. Na percepção deles, foi um período cheio de dificuldades e, portanto, apesar da poluição que chegou com o crescimento do bairro, os benefícios foram mais expressivos.

O segundo capítulo tem por nome *De Saco Grande a João Paulo: o crescimento da urbanização em Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970 e suas consequências no bairro* e também é dividido em dois subcapítulos. O primeiro deles, denominado *Florianópolis: a ascensão como polo administrativo*, tratará do momento de crescimento da cidade de Florianópolis, a partir das décadas de 1960 e 1970, em função da criação de diversos órgãos

⁵ Ver roteiro de entrevistas em *Anexos*, na página 62.

administrativos estaduais e federais, como a UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, a UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, a CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina e a ELETROSUL – Empresa Transmissora de Energia Elétrica do Sul do Brasil S/A. Para atender a demanda dos novos moradores, servidores desses órgãos, a cidade passou por diversas obras e deu-se início a um período de crescimento descentralizado, onde bairros anteriormente rurais foram também recebendo novos moradores e tornando-se urbanizados. O segundo subcapítulo intitula-se *João Paulo em crescimento: permanências, mudanças e conflitos* e retornará às memórias dos moradores do bairro João Paulo, agora comparando as opiniões da primeira geração, com idades entre 53 e 86 anos, e da segunda, com idades entre 34 e 43 anos, sobre o crescimento do bairro e suas transformações ambientais e sociais. Os entrevistados da primeira geração atentam para os benefícios da comodidade, os quais não possuíam na época em que o bairro tinha características rurais; já os da segunda percebem o quanto a urbanização trouxe malefícios para a praia, com o aumento da poluição e da lama e conseqüentemente dificultando o trabalho com a pesca.

O terceiro e último capítulo chama-se *Quanto custa o pôr do sol?: especulação imobiliária, diferentes moradores e embates entre o público e o privado no João Paulo* e possui também dois subcapítulos. O primeiro deles *A verticalização das construções no João Paulo dos anos 2000 e suas conseqüências*, tratará do aumento da construção de prédios no bairro João Paulo e o conseqüente crescimento populacional, que trouxe diversos problemas para o local, como a falta de estrutura nas vias públicas, dificultando o trânsito, e principalmente, a poluição da praia e rios, causada pela falta de um sistema de tratamento de esgoto. Por fim, o segundo subcapítulo intitula-se *A apropriação da natureza pelo mercado imobiliário: disputas entre o público e o privado* e nele é analisada, através de propagandas, como o próprio nome diz, a apropriação da natureza pelo mercado imobiliário, que resultou em um processo cada vez maior de encarecimento do bairro e conseqüentemente a expulsão dos moradores tradicionais em função do preço e da falta de espaço para novas moradias. Além de dificultar também o trabalho de quem utiliza-se da pesca para seu sustento ou complemento de renda, já que ocupam e bloqueiam espaços de praia. Nesta parte os entrevistados relatam como a sociabilidade se transformou com a construção dos prédios e no que esse processo mudou suas formas de vida e de trabalho.

CAPÍTULO I – Um breve olhar sobre a Florianópolis anterior à expansão urbana: seus indivíduos, modos de vida e de trabalho

1.1 Florianópolis: considerações em torno do seu crescimento

Por muito tempo o ser humano utilizou-se da natureza sem se preocupar com as consequências. A partir da década de 1970, diversos campos de estudos passaram a atentar para os problemas ambientais, entre eles a História, que desenvolveu a área ambiental, a qual, dentre outros traços a serem expostos ao longo deste trabalho, analisa a importância do papel dos recursos naturais por cada cultura, como explica José Augusto Drummond:

As pastagens naturais, um recurso natural, são pouco importantes para um povo sem animais domésticos herbívoros (que aliás, são integrantes do mundo natural modificados pela cultura) que mora nelas. Para outro povo distante que domesticou ou adotou cavalos e bois, no entanto, as pastagens naturais são recursos cruciais. (...) Um minério útil, em outro exemplo, pode ser abundante no território de uma sociedade e, ainda assim, ser ignorado, pelo fato de ela não dominar a tecnologia do seu processamento. Apesar da abundância de minério de ferro em vários pontos do território do Brasil, os povos indígenas que os percorriam não lhe davam importância. Mas os instrumentos metálicos introduzidos pelos europeus – como facas e machados – foram altamente valorizados pelos mesmos indígenas.⁶

A cidade de Florianópolis ao longo dos séculos teve diversos tipos de ocupantes, de diferenciadas culturas, que utilizaram-se da natureza conforme seus interesses e necessidades, causando diferentes graus de modificação. Dessa forma, este capítulo inicial busca contextualizar esses diferentes ocupantes ao longo dos tempos, até chegar ao bairro João Paulo e seus moradores simples: as lavadeiras, quitandeiros, lavradores e pescadores de outrora.

Segundo estudo do CECCA – Centro de Estudos Cultura e Cidadania⁷, o litoral catarinense tem vestígios ligados às culturas dos sambaquis datadas de, pelos menos, 5 mil anos. Povos esses que, segundo indícios arqueológicos, tinham como principais atividades de subsistência a coleta de moluscos, a pesca e a caça.

Conforme Carlos Humberto P. Corrêa⁸, Florianópolis, como todo o Brasil anteriormente à chegada dos europeus, era habitada por indígenas guaranis, denominados *Carijó* pelos próprios europeus, quando aqui chegaram no século XVI. Tanto os registros de navegantes

⁶ DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991. p. 182.

⁷ CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas socio-ambientais da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1997. pp. 31-32.

⁸ CORRÊA, Carlos Humberto P. **História de Florianópolis** – Ilustrada. Florianópolis: Insular, 2005. pp. 21-22.

depois deste período, quanto vestígios arqueológicos, mostram a existência dessas culturas, que, porém, foram rapidamente exterminadas em contato com a cultura do homem branco europeu.

Com o início das expedições marítimas europeias, Santa Catarina passou a ter alguns poucos novos povoadores, os náufragos e desertores destas expedições. Portugal e Espanha tinham rivalidades na questão de demarcação de limites, e, desta forma, os primeiros anos do século XVI em Santa Catarina foram marcados por diferentes expedições, por parte dos dois países, e propostas de povoamento para assegurar o território.⁹

Ao longo do século XVII, algumas tentativas de povoamento da Ilha de Santa Catarina foram feitas por vicentistas, porém fracassaram. Foi em 1673 que Francisco Dias Velho decidiu por fundar a Póvoa de Nossa Senhora do Desterro, enviando seu filho para iniciar as lavouras e construções e indo à São Paulo legalizar as terras¹⁰. Quatorze anos depois, foi morto:

Nos quatorze anos situados entre a fundação da Póvoa de Nossa Senhora do Desterro (1673) e sua morte (1687), a empresa agrícola de Francisco Dias Velho chegou a possuir quatro feitorias, uma capela, lavouras de mandioca, milho, feijão, cana-de-açúcar e fumo, algum gado fruto de onze cabeças iniciais trazidas dos campos de Curitiba, atividade pesqueira e habitações para abrigar pouco mais de uma centena de moradores.¹¹

A ocupação da Ilha até o início do século XVIII era muito pequena e se restringia, em sua maioria, à área inicial do povoado de Dias Velho, ou seja, a região central, na localidade da Praça XV. A ocupação de Desterro intensificou-se apenas com a chegada dos açorianos e madeirenses em meados do mesmo século.¹²

De acordo com Maria Bernadete Ramos Flores¹³, até a primeira metade do século XVIII, o sul do Brasil não era suficientemente povoado para garantir à Portugal as terras, em função das reclamações da Espanha. Desta forma, para resolver também o problema de superlotação do Arquipélago dos Açores, que sofria ainda de abalos sísmicos, foi organizada uma emigração em massa de casais açorianos e madeirenses. Foi prometido a eles transporte gratuito, terras, ferramentas, animais e, no caso dos homens, isenção ao serviço militar. Entre 1748 e 1756, em torno de 5 mil pessoas foram enviadas ao sul do Brasil, sendo divididas para o Rio Grande do Sul, São Francisco, Laguna e a Ilha de Santa Catarina. Aqui chegando foram distribuídos pelas áreas que hoje compõem os bairros da Trindade, Ribeirão, Ratones, Lagoa, Santo Antônio, Rio

⁹ PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina**. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1982. pp. 31-35.

¹⁰ CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. Op. Cit. 1997. pp. 41-42 .

¹¹ Ibidem. p. 42.

¹² Ibidem. p. 43.

¹³ FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. pp. 122-123.

Tavares e Canasvieiras, além dos bairros continentais. Contudo, encontraram muitos problemas: a distribuição de terras foi feita de maneira desigual, o recrutamento militar passou a ser constante e, para o cultivo, o solo de mangues era muito diferente do vulcânico, ao qual eram acostumados e, portanto, tiveram de trocar o cultivo do trigo pelo de mandioca. Além disso, mantiveram o costume da pescaria.

Conforme Mara Lago Coelho de Souza, “os açorianos desenvolveram na Ilha de Santa Catarina, um modo de viver característico, que perdurou em suas freguesias até meados do século XX”¹⁴. Enquanto outras localidades brasileiras com emigrantes portugueses tinham a produção centrada para o comércio de exportação em grandes latifúndios, os da Ilha de Santa Catarina tinham suas atividades voltadas para produção agrícola de pequeno porte, com mão de obra familiar, plantando para subsistência, comercializando eventualmente, além de produzirem artesanato e ter a pesca como trabalho alternativo.¹⁵

O crescimento populacional de Desterro, se comparado à outras cidades portuárias brasileiras, era consideravelmente mais lento:

Em 1821, Desterro tinha uma população estimada de 21.811 pessoas. O primeiro Recenseamento Geral, realizado em 1872, apresentou população de 25.709, sendo 11.322 na área urbana. O recenseamento de 1890 apresentou um total de 30.689 pessoas, com 16.506 habitando a área urbana.¹⁶

Com o início do período republicano a cidade transformou-se, adquirindo outra fisionomia, onde o rural foi perdendo cada vez mais espaço para o urbano, e tendo um desenvolvimento maior entre os anos de 1890 a 1900, que em todo o período imperial.¹⁷

A partir do século XIX, iniciou-se o florescimento do comércio portuário, acarretando em um maior ritmo de progresso à ilha, com sua economia baseada no comércio regional e nacional¹⁸. Porém, à medida em que o trânsito comercial por terra foi adquirindo valor, a atividade portuária da cidade de Desterro foi perdendo a importância e, em função da deficiência de um sistema rodoviário, a cidade foi ficando isolada do comércio até mesmo com as regiões do sul do país. Esta situação, somada ao déficit de atividades industriais, se comparada a outras cidades portuárias, representou a eventual estagnação econômica que

¹⁴ LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Editora da UFSC, 1996. p. 34.

¹⁵ Ibidem. pp. 33-34.

¹⁶ SANTOS, Cristina Camilo dos. **O processo de urbanização da Baía do Itacorubi: a influência da UFSC**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. p. 32.

¹⁷ VARZEA, Virgílio. **Santa Catarina: a ilha. Florianópolis**: Ed. Lunardelli, 1985. p. 11.

¹⁸ SANTOS, Cristina Camilo dos. Op. Cit, 2003. p. 31.

Florianópolis viveu por várias décadas, até ascender como polo administrativo, em função dos diversos órgãos públicos que foram instalados na cidade, em meados do século XX, o qual beneficiou o desenvolvimento de outras regiões do estado, mas não as comunidades tradicionais da Ilha¹⁹, em função das divergências entre espaço rural e urbano²⁰.

1.2 Lavadeiras, quitandeiros, lavradores e pescadores: memórias do bairro João Paulo antes da urbanização

O arraial do Saco Grande nucleia-se para lá dessas pontes, na parte enxuta do terreno, entre a Capotera e os montes. É pouco farto de culturas e não prospera na razão de sua situação, tão bem provida de comunicações — rio, mar e estrada — distante apenas hora e meia do coração da cidade. Seus habitantes são em geral mais pombeiros do que agricultores e ocupam-se mais do negócio de galinhas e ovos, que vão mercar ao Desterro, do que das lavouras. Entretanto o sítio, além de outras culturas, dá bom café e cana, esta última abundante em outros tempos, principalmente na Capotera, onde o velho Siqueira (abastado lavrador de outros tempos) possuía uma fazenda com grandes plantações que, pelas épocas da safra, davam açúcar e melado para exportação.²¹

O bairro João Paulo nem sempre teve este nome, anteriormente era chamado de Saco Grande I, tendo sua nomenclatura alterada pela lei nº 5504 de 1999.²² Localiza-se na porção insular do município de Florianópolis, na região centro-norte, como mostra a sinalização em vermelho no mapa a seguir, e até a década de 1980 ainda era considerado parte do Distrito de Santo Antônio de Lisboa²³.

¹⁹ LAGO, Mara Coelho de Souza. Op. Cit., 1996. p. 34.

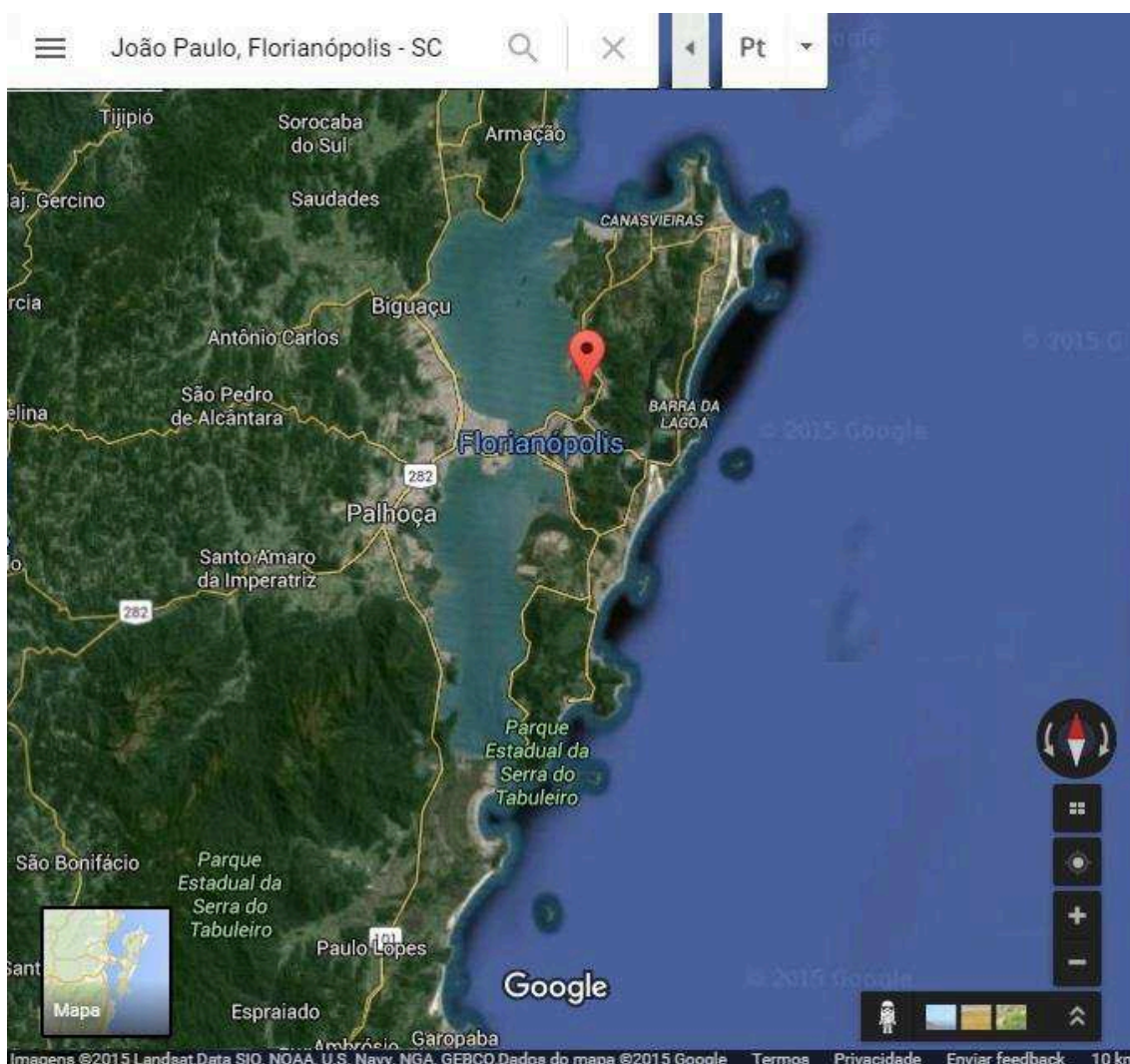
²⁰ Para mais informações sobre dicotomias entre rural e urbano e permanências do rural no processo de urbanização, ver os autores: CARNEIRO, Maria José Teixeira. **Ruralidades Contemporâneas - Modos de Viver e Pensar o Rural na Sociedade Brasileira**. Editora Mauad, 2012.; CIMADEVILLA, Gustavo. De la dicotomía urbano-rural a la emergencia urbana. Momentos y movimientos. **Revista Esboços** v. 12, n. 13, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/206>> Acesso em: 03/12/2015.; FALCÃO, Luiz Felipe. Palavras indesejadas: relatos que estorvam a ideia de uma história única e uniforme. **X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política**. Recife, 2010. s/p. Disponível em: <http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269108838_ARQUIVO_HistoriaOral2010.pdf> Acesso em: 03/12/2015.; VEIGA, José Eli da. A dimensão rural do Brasil. **Estudos: sociedade e agricultura**, v. 12, n. 1, p. 71-94, abr. 2004.

²¹ VARZEA, Virgílio. Op. Cit., 1985. p. 85.

²² BRASIL. Lei nº 5504, de 21 de julho de 1999. Disponível Em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/1999/551/5504/lei-ordinaria-n-5504-1999-dispoe-sobre-a-criacao-dos-bairros-no-distrito-sede-do-municipio-de-florianopolis-e-da-outras-providencias?q=jo%20paulo>> Acesso em: 13/09/2015.

²³ BRASIL. Lei nº 1857, de 22 de setembro de 1982. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/1982/186/1857/lei-ordinaria-n-1857-1982-autoriza-a-doacao-de-area-de-terras-do-municipio-a-associacao-dos-servidores-municipais-de-florianopolis?q=saco%20grande>> Acesso em: 13/09/2015.

Mapa 01: Localização do bairro João Paulo em mapa de Florianópolis.



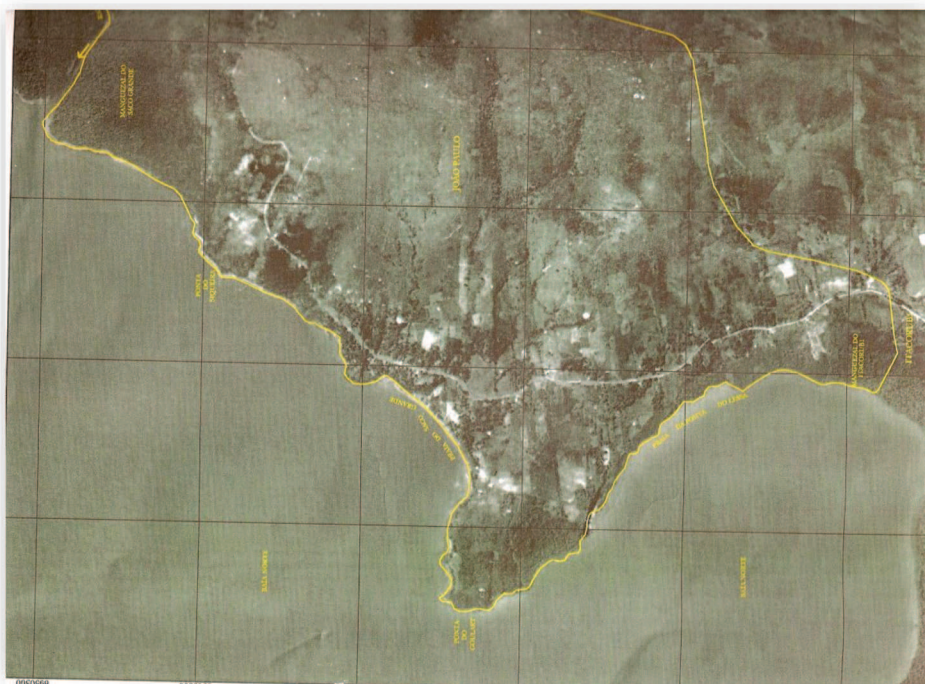
Fonte: GOOGLE EARTH, 2015²⁴.

Na década de 1930 o bairro João Paulo era essencialmente rural, com 26% da área destinada ao cultivo agrícola e, ainda na década de 1950, manteve as características rurais, porém algumas pequenas residências começaram a se instalar na região, como mostram as imagens a seguir, dos anos de 1938 e 1957, respectivamente.²⁵

²⁴ GOOGLE EARTH. Localização do bairro João Paulo em mapa de Florianópolis. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Jo%C3%A3o+Paulo,+Florian%C3%B3polis+-+SC/@-27.6604816,-48.6098417,86768m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x9527389e573c6661:0x183904c0def8ae26>> Acesso em: 01/12/2015.

²⁵ OLIVEIRA, Fabrício Gabriel Gonçalves. **Análise da Evolução do Processo de Ocupação Urbana no Bairro João Paulo.** Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia. – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências e Humanas. Florianópolis – SC, 2004, pp. 22-26.

Imagem 01 – Bairro João Paulo em 1938.



Fonte: OLIVEIRA, 2004. p. 24.

Imagem 02 – Bairro João Paulo em 1957.



Fonte: IPUF apud SOUZA, 2009. p. 87.

A imagem do ano de 1938 apresenta um bairro com apenas a rua principal, poucas residências e grande cobertura vegetal. Em comparação à de 1938, percebe-se na imagem de 1957, que a quantidade de residências não teve alteração significativa, porém o bairro teve uma grande diminuição das áreas verdes, que segundo Renata Regina de Souza²⁶, foi causada para expansão de cultivo agrícola e extração de lenha.

Para compreender melhor a situação do bairro João Paulo no momento anterior ao seu período de expansão urbana, foram feitas oito entrevistas com moradores do bairro, entre eles três mulheres e cinco homens, de 34 a 86 anos, todos ligados de alguma forma à pesca.

Segundo Lucilia de Almeida Neves Delgado, a história oral “não é a História em si mesma mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória”²⁷, ou seja, a história oral é mais uma possibilidade de fonte, a qual a memória é o caminho.

Conforme Michael Pollak “(...) a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”²⁸, “(...) a memória é um fenômeno construído”²⁹. Então, assim sendo, é importante também, ao se usar da história oral como fonte de pesquisa, entender a subjetividade da memória e dos indivíduos aos quais estão sendo ouvidos. A história oral deu e dá voz a pessoas que não tinham suas histórias contadas no ponto de vista da história tradicional, mas não se deve creditar a ela uma verdade inquestionável, tal qual não se deve creditar a uma fonte escrita.

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda a documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada a tal e qual ela se apresenta.³⁰

As entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, nos dias 02 e 03 de setembro de 2015. Inicialmente alguns tiveram dificuldades em aceitar conceder a entrevista, com medo de não saberem responder questões mais difíceis, por terem pouco estudo. Ao explicar que o importante no relato eram suas vivências e experiências em relação ao crescimento do bairro

²⁶ SOUZA, Renata Regina de. **Percepções ambientais sobre a área de preservação permanente da Ponta do Goulart, Florianópolis-SC**. Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009. p. 87.

²⁷ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. p. 18.

²⁸ POLLAK, Michael. Op. Cit., 1992. p. 203.

²⁹ Ibidem. p. 204.

³⁰ Ibidem. p. 207.

João Paulo, os receios diminuíram um pouco e as entrevistas foram feitas. Tiveram em média de 10 a 30 minutos, mas todas trouxeram respostas importantes e novos questionamentos ainda mais relevantes.

Nesta parte do trabalho serão analisadas as entrevistas feitas com a primeira geração de moradores, com idades entre 53 e 86 anos, a fim de compreender suas vivências e experiências no bairro antes de sua urbanização.

Ao serem questionados sobre as características do bairro no período de infância e juventude, a maioria dos entrevistados citou aspectos rurais, como plantação de milho, mandioca, criação de gado, entre outras.

Valdívnia Lucia Ferreira, cozinheira aposentada de 71 anos, nascida e criada no bairro, lembra das plantações existentes no João Paulo na época:

Aqui era tipo um sítio, né? Tinha bastante pé de café, a gente colhia café pras pessoas venderem. Plantação de morango, essas coisas. Legumes. (...) Depois aqui nessa nossa rua era tudo terreno. Era lote do meu avô e ali dos pais da Dona Judite, não lembro bem os nomes deles, e do Inácio. Aí a prefeitura comprou um pedaço do pasto todo, que ali só tinha gado, né? Agora divide ali pro lado da Dona Cida, sabe onde ela mora ali? Divide aquele lado ali de baixo, ali era só pasto, só tinha gado ali. E pra cima era cafezal, era fruta, tudo ali tinha, então a prefeitura comprou aquele pedaço e surgiu aquela rua, que não tinha, a rua era estreitinha em cima das casas.³¹

Osmar Goulart, pescador aposentado de 62 anos, nascido e criado no bairro João Paulo, fala como as chácaras foram sendo substituídas por ruas:

Essa rua aqui, do caminho pra lá, era uma chácara com tudo: laranja-açúcar, vergamota, goiaba, caqui, abacaxi. Tinha de tudo, hoje não tem mais. Os pés de caju aqui, cortaram tudo. Aqui aonde eu moro, esse terreno daquele portão ali pra cima, era uma chácara de laranja-açúcar. Tinha tudo ali, passava aqui por dentro, era um pasto. Hoje não tem mais, hoje é só servidão.³²

Cláudio Manoel da Costa, barbeiro aposentado de 86 anos, morador do bairro desde jovem, fala do que se plantava antes da construção dos prédios: “O plantio era esse: milho, feijão, mandioca, amendoim. Tudo isso nos terrenos. Hoje tem mais prédios”³³.

Iolanda Maria Pereira, pescadora de 53 anos, nascida e criada no bairro, conta como era a terra que seu pai possuía perto da praia, onde plantava e pescava: “Quando eu era pequena,

³¹ FERREIRA, Valdívnia Lucia. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (Acervo da autora – A.A)

³² GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

³³ COSTA, Cláudio Manoel da. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Marcos Laueremann dos Santos. (A.A)

meu pai plantava aipim, milho, mas lá onde a gente morava, perto de onde agora tem o Hotel Maria do Mar. Nasci ali e cresci ali. Lá ele tinha repolho, aipim, caju, jabuticaba”³⁴.

Para os moradores de mais idade, o crescimento do bairro foi positivo, porque, segundo eles, passavam por diversas dificuldades, as quais não existem mais atualmente.

Ao ser questionada sobre como era a vivência no bairro João Paulo, em sua época de infância e juventude, Valdívnia Lucia Ferreira conta que, para ela, não existiam as facilidades dos tempos de hoje:

Antigamente era assim: vinha uma caminhonete lá do Rio Vermelho, passava aqui, nos pegava pra ir pro Centro. Pra ir pro médico às vezes tinha que ir a pé com as crianças no colo e voltar, porque não tinha ônibus. Depois de muito tempo atrás que eles começaram a colocar essa caminhonete que passava pra gente buscar alimento pra gente. Vinha uma caminhonete também com leite, com legumes que vinha lá de Rationes, que passava aqui e a gente comprava, né? Muitos tinham terra e plantavam, muitos já não tinham. (...) Agora o povo reclama, mas ninguém passou a dificuldade que a gente já passou. Claro que muitos ainda passam, mas naquela época não tinha fogão à gás, era fogão de lenha, não tinha luz, era lamparina. Era o que a gente usava, né? Não tinha essas fraldas descartáveis, era fraldinha que a gente colocava no bebê e tinha que ir pra fonte, pra lavar mesmo, tirar tudo as sujeiras. É isso aí que a gente alcançou.³⁵

Osmar Goulart também deixa claro ao longo da entrevista que, para ele, apesar da poluição, em comparação à sua vivência no período anterior à urbanização, as mudanças do bairro foram positivas:

Antigamente a água era de poço, agora é encanada. Hoje tem fogão à gás, naquele tempo era à lenha. Hoje melhorou muito, a vida tá 100% melhor. Até a pesca, tudo que tu mata, hoje tu vende. Naquele tempo botava a espada fora, o peixe miúdo botava fora. Hoje tu vende pro restaurante. Hoje tem carro, todo mundo tem carro, naquele tempo não tinha. Tem um feirão muito bom aqui nos sábados, aqui na porta, então hoje tá bem melhor. Antigamente, eu vou dizer pra ti, daqui onde eu moro pra ir pro Saco Grande, tinha umas 4 casas. Depois, pro Itacorubi, tinha o Morro da Bananeira, ali tinha uma vila de casas, depois não tinha mais nada. Até a Lagoa, daqui até o Morro da Lagoa o que podia ter de casa era umas 50 casas, mas ali pro Pantanal já tinha, aquele morro ali do Horácio sempre teve melhor. Aqui era bem pouca casa, só os nativos daqui mesmo, agora que encheu, né? Agora, Deus me livre. Daqui até as três pontas, que a gente fala ali, era de chão, depois passou a pedra, paralelepípedo, agora é asfalto. Já melhorou bem, né? Não tinha luz em lugar nenhum, tudo escuro. Hoje tá bem melhor o bairro, né?³⁶

³⁴ PEREIRA, Iolanda Maria. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

³⁵ FERREIRA, Valdívnia Lucia. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

³⁶ GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

Arlindo Aureo Ventura, pescador aposentado de 62 anos, nascido e criado no João Paulo, também vê apenas melhorias no crescimento do bairro:

Isso aqui mudou tudo, sabe? Deu uma guinada de 360 graus. Isso aqui era uma estrada de barro, era uma cachimbeira que tinha aqui, uma chácara. Então essa parte aí mudou bastante. Aqui em cima, diversas ruas que tinha campo de futebol foi acabando, agora tem prédio, ruas, uma porção de servidão, entende? Então mudou bastante o bairro. (...) No meu ponto de vista só melhorias que aconteceram aqui. Fizeram um colégio bonito, que não tinha. Hoje tem posto de saúde, galpão pra criança do colégio, um ginásio muito bonito. Acho que só cresceu pra coisas melhores.³⁷

As condições de trabalho realizadas no bairro no período também eram muito diferentes das atuais. Muitas acabaram se perdendo, como a lavação, ou diminuídas, como a renda de bilro. Porém, a pesca continua sendo uma das formas de sustento ou complementação de renda de muitos moradores, mesmo ela tendo sofrido mudanças em consequência da poluição.

Questionado sobre os trabalhos que costumavam ser realizados pelos moradores do bairro no período, Cláudio Manoel da Costa diz o seguinte:

Leiteiro, quitandeiro, plantador de mandioca, amendoim, cebola. Então era plantar, ter ave no terreno. Comíamos café com bolacha, farinha ou com milho cozido. Tinha engenho de açúcar e de farinha. Não se encontra mais hoje, só no Ribeirão da Ilha. Tinha engenho aqui no bairro, lá embaixo tinha dois, aqui tinha um. Lá em cima onde meu avô morava, bem lá em cima, tinha um. Na Costa da Lagoa tinha o primeiro.³⁸

Para Osmar Goulart, era muito difícil conseguir trabalho na época, pois não existiam muitas opções:

Um pouco fazia renda, as mulheres faziam renda em casa. Todas as mulheres de pescador antigo tinham renda. Tinha lavação, minha mãe tinha 25 lavações. O Alcides tinha um caminhão que carregava as lavações. Era difícil, as mulheres também carregavam a lavação em ônibus, hoje já vem tudo buscar na porta. Hoje se torna bem mais fácil a vida, antigamente era brabo. Tinha pouco serviço, porque a indústria aqui tinha pouco prédio. Hoje não, hoje trabalha de guarda, faz um cursinho e ganha, um vigilante, né? Hoje tem tudo. Tem garçom, tem padeiro, tudo que tu queres aprender, tem profissão hoje. Naquele tempo não tinha isso aí, se tu não fosses servir à polícia, que era um servicinho simples, era a pescaria.³⁹

Já Valdívnia Lucia Ferreira diz que o trabalho era difícil na época, mas que a falta de trabalho ainda existe, o que, segundo ela, faz com que cresça a violência, os assaltos:

³⁷ VENTURA, Arlindo Aureo. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

³⁸ COSTA, Cláudio Manoel da. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Marcos Laueremann dos Santos. (A.A)

³⁹ GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

Muitas pessoas lavavam pra fora, lavação. A gente também lavou bastante. Tinha a renda, a rendeira. Tinha bastante dificuldade na vida da gente pra adquirir as coisas, né? Mas era um mundo melhor, não tinha tanta violência como tem agora. Agora tem mais, né? Existe mais. Muito pouco trabalho, né? Então dificulta um pouco as pessoas fazerem o que querem e dão pra fazer essas badernadas todas, né?⁴⁰

Os entrevistados relembram também como era a praia e os rios antes da construção dos prédios e percebe-se uma grande mudança.

Iolanda Maria Pereira conta como a praia era mais limpa e fala das espécies que de lá retirava para seu sustento, as quais, atualmente, sumiram ou foram drasticamente reduzidas.

Era bem melhor, tinha tudo pra gente fazer. A praia era limpa, tinha ostra, marisco, berbigão pra gente poder tirar, trabalhar. Hoje não tem mais nada, não tem marisco, não tem berbigão. Não dá de tirar uma ostra, é mais difícil. Dá pra ir, mas não tanto. A praia tá só lama. Antes era bem melhor, mudou muita coisa, veio os prédios, o esgoto não sei se vem pra praia ou não.⁴¹

Segundo Osmar Goulart, antigamente no bairro existiam rios e cachoeiras que foram tubulados ou aterrados. Inclusive, segundo ele, existiam muitos problemas de enchentes antes da tubulação desses rios:

Quando eu era guri tinha uma praia maior, a praia tava bem melhor, nós tínhamos uma cachoeira aqui onde era os ranchos. Lá no canto da praia onde mora o Ailton tinha o rio, que a gente entrava com a canoa e a tarrafa e vinha até aqui essa casa da esquina tarrafeando. A gente tinha uma passagem, passava com a canoa por baixo e tudo. Mudou muito, né? (...) Então hoje não tem mais esse problema de enchente, mas naquele tempo leva, quer dizer, quando dá chuva, sabe, né? Em qualquer lugar vem, quando a chuva é demais, né? Mas evitou muito, muito mesmo. Nós já sofremos um bocado aqui com enchente. Já perdemos rancho, perdemos lancha, perdemos rede, que a água carregou tudo, enterrou tudo. Ela passava por aqui, onde tem essa casa aqui, era um rancho e ele caiu todinho, arrancou quando a enchente passou aqui. Hoje não tem mais isso aí, porque eles tiraram o morro ali, tá melhor porque agora a água desce por lá. Já melhorou, hoje nem se compara, tá bem melhor.⁴²

Valdívnia Lucia Ferreira conta que a praia era mais bonita e que rios e o mangue se localizavam onde agora existem casas e prédios:

Aqueles pedaços ali pra baixo, até ali na boca da rua era tudo mar, aliás, era mangue, depois que foram cortando o mangue e construindo as casinhas, aquelas casinhas velhinhas. (...) Mas naquela época a gente tinha um pedaço ali onde passa na frente do jardim, que agora é a pracinha, ali embaixo, aquilo ali era tudo rio, e dali a gente

⁴⁰ FERREIRA, Valdívnia Lucia. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁴¹ PEREIRA, Iolanda Maria. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁴² GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

fazia fonte. Cada uma tinha seu lavador e se ajoelhava e lavava sua roupinha, tudo ajoelhadinha, né? E depois com o tempo foi mudando, hoje tá bonito agora, né? (...) As praias também já tão mais poluídas, que tu vê. A gente, quando era menina, tomava banho de mar ali. A praia era Jurerê, assim. A areia era fininha, que era a coisa mais linda do mundo. Agora tu vai na praia pra tu ver a nojeira que é. É lama, é nojeirada na praia, entendes? É esgoto, tem um monte de esgoto. Antigamente a gente fazia um buraquinho no terreno, aquela fossa, e ali mesmo... jogava cal dentro e matava tudo. Só que agora não tem mais, agora eles fazem as fossas e o esgoto corre tudo pra praia. Igual como tá lá no Centro, não tem diferença de nada.⁴³

Nas falas desses entrevistados é possível perceber que existe a consciência de que algo se perdeu, como a segurança, a beleza das praias, os rios e cachoeiras, as espécies de moluscos e peixes, entre outros. Porém, nota-se que eles levam em conta as dificuldades vividas na época, como a escassez de trabalhos, de transporte, de acesso à hospitais e mercados, portanto sentem-se mais satisfeitos com o bairro atual e com seu crescimento, apesar dos problemas ambientais ocasionados por ele.

Esta questão é um exemplo das diferenças da teoria e da pesquisa na prática. Na visão de história ambiental que temos na academia, pensamos na importância de se preservar, entendemos que a expansão urbana e especulação imobiliária causam não só transformações ambientais negativas, mas também exclusão de classes, já que com o aumento nos preços de imóveis e terrenos, certas partes da cidade vão tendo seu acesso à moradia dificultado a pessoas com menor poder aquisitivo. Estudamos todos os contras da urbanização descontrolada, porém é na prática da pesquisa que podemos entender um pouco de como essa urbanização teve significado para quem a vivenciou.

Dessa forma, é importante entender a expectativa da pesquisa em comparação ao seu resultado. Pois, pensando como uma pessoa de meu próprio tempo, ciente dos problemas ambientais, sociais, dentre outros, causados pela urbanização desordenada, iniciei as entrevistas imaginando que os todos os moradores teriam igual preocupação com os problemas resultantes do crescimento do bairro, principalmente a poluição, que os afeta de várias maneiras, em especial, os envolvidos com a pesca. Contudo, conforme foram sendo realizadas as entrevistas, notou-se que a vivência dos moradores de mais idade, no momento anterior à urbanização, era para eles de tamanha dificuldade que, mesmo com a poluição, sentem que o bairro melhorou muito nos dias atuais.

Isso é explicado, segundo José Augusto Pádua, da seguinte forma:

⁴³ FERREIRA, Valdívnia Lucia. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

É essencial, no entanto, evitar o anacronismo e a pretensão de que os indivíduos do passado possam ser cobrados em razão de categorias tão modernas quanto são ecologia, sustentabilidade, impactos da ação humana, etc. É preciso entender cada época no seu contexto geográfico, social, tecnológico e cultural. É evidente, como já foi dito, que a questão ambiental só vai aparecer em um momento bastante recente da trajetória humana. Mas pode-se dizer que as relações ambientais já estavam presentes, sendo percebidas, ou não, segundo os padrões culturais de cada período.⁴⁴

Segundo Carlo Ginzburg, “o historiador sabe desde o início o que quer, procura, por fim encontra. Mas na pesquisa real as coisas não são assim. A vida de um laboratório, descrita por um historiador (...) é muito mais confusa e desordenada”⁴⁵, mas nem por isso encontrar questões imprevistas é ruim, pois o inesperado pode trazer outras conclusões tão importantes quanto.

Ao analisar as entrevistas fica evidente que as diferentes gerações tendem a compreender o desenvolvimento do bairro de forma divergente. A geração com idades entre 53 e 86 anos, conta histórias de um bairro de chão de terra batida, sem água encanada, sem luz, sem transporte, sem oportunidades de trabalho. Na percepção deles, cheio de dificuldades e, portanto, apesar da poluição que chegou com o crescimento do bairro, os benefícios foram mais expressivos. Já os entrevistados de idades entre 34 e 43 anos, veem na construção desordenada de prédios e no crescimento do bairro, o motivo da poluição da praia local e conseqüentemente, dos problemas que enfrentam atualmente no trabalho com a pesca, questões essas que serão abordadas no capítulo seguinte.

⁴⁴ PÁDUA, José Augusto. As Bases Teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 24, n. 68, 2010. p. 96.

⁴⁵ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 295.

CAPÍTULO II – De Saco Grande a João Paulo: o crescimento da urbanização em Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970 e suas consequências no bairro

2.1 Florianópolis: a ascensão como polo administrativo

As primeiras décadas do século XX trouxeram novas construções e obras que mudariam a dinâmica da cidade de Florianópolis, como o novo Mercado Público, a Ponte Hercílio Luz e a reforma do Palácio do Governo, além de serviços de água e esgoto. Na década de 1930, com as políticas de industrialização do governo de Getúlio Vargas, Florianópolis passou a ter um maior volume de funcionários públicos, tendo esse número aumentado ainda mais ao longo das próximas décadas, principalmente as de 1960 e 1970, impulsionado pela construção de diversos órgãos federais e estaduais na cidade.⁴⁶

Até o final da década de 1960 e início da década de 1970, a cidade de Florianópolis era pacata, com poucos prédios, e muitos dos bairros ainda possuíam mais características rurais que urbanas⁴⁷. Foi nesse período que os órgãos que trariam a Florianópolis o *status* de cidade polo administrativo do estado foram construídos. Primeiramente na área central, como a CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina; o Banco de Desenvolvimento do Estado; o CODESUL – Banco Regional do Desenvolvimento do Extremo Sul e o FUNDESC – Fundo de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina e, posteriormente, em um movimento de descentralização, nos bairros da Trindade, Pantanal e Itacorubi, como a UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, a ELETROSUL – Empresa Transmissora de Energia Elétrica do Sul do Brasil S/A, a TELESC – Telecomunicações de Santa Catarina, a UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, a CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina, o CCA/UFSC – Centro de Ciências Agrárias/UFSC, a Secretaria de Agricultura, a CIDASC – Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina e o EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.⁴⁸

Simultaneamente à instalação desses órgãos, diversas obras foram feitas pela cidade, como a construção da Avenida Rubens de Arruda Ramos, mais conhecida como Avenida Beira-Mar Norte e da BR-101⁴⁹, além do calçamento e pavimentação de diversas ruas, como a Deputado Antônio Edu Vieira e a Av. Madre Benvenuta, e das SCs-401 e 404, e ainda a

⁴⁶ SANTOS, Cristina Camilo dos. Op. Cit., 2003. pp. 34-35.

⁴⁷ CAMPOS, Edson Telê. **A expansão imobiliária e seus impactos ambientais em Florianópolis**. Editora Insular, 2004. p. 110.

⁴⁸ SANTOS, Cristina Camilo dos. Op. Cit., 2003. pp. 35-45.

⁴⁹ Ibidem. p. 36.

construção da Via de Contorno Norte, facilitando o acesso aos novos órgãos públicos e aos bairros e praias.⁵⁰

Inicialmente alguns bairros foram urbanizando-se para atender à demanda dos novos funcionários públicos de classe média, que passaram a residir na cidade em função dos órgãos estaduais e federais criados⁵¹. Com o tempo e as consequentes melhorias na infraestrutura local, cada vez mais pessoas passaram a buscar moradia em Florianópolis, ao serem atraídas pelas belezas naturais e novas oportunidades de emprego e de vida.⁵²

Os censos populacionais do período mostram o crescimento acelerado pelo qual a cidade estava passando. No ano de 1950, Florianópolis possuía um total de 67.630 habitantes; em 1960 passou a ter 97.827; na década de 1970, com os vários órgãos públicos já consolidados, tinha 138.337 habitantes e, na década de 1980, já alcançava um total de 187.871 residentes.⁵³

Com a chegada da urbanização e dos novos moradores de classe média, a vida dos moradores tradicionais, acostumados à agricultura, à pesca e ao ambiente rural em geral, sofreu diversas mudanças. “Quando as estradas, os turistas, o progresso e a urbanização chegam às comunidades litorâneas, o resultado é a transformação de seu modo de vida tradicional – mudanças nas atividades econômicas e transformações sócio-culturais”⁵⁴.

A economia da cidade passou a ser fortemente baseada na indústria da construção civil, no turismo e no comércio⁵⁵. Principalmente a partir da década de 1980, o turismo serviu de propulsor para diversas mudanças econômicas, culturais e paisagísticas, tendo na expansão urbana descentralizada, com a ocupação de espaços de orla, adquirido valor em produtos turísticos como hotéis, restaurantes e casas de veraneio para aluguel, acelerando assim as transformações dos bairros da cidade.⁵⁶

Desta forma, os modos de trabalho tradicionais tiveram de se adaptar a este novo modelo. “Na separação entre capital e trabalho e na valorização desigual da força de trabalho, estão postas as condições para a diferenciação e hierarquização dos sujeitos sociais”⁵⁷.

Os espaços de cultivo agrícola foram sendo substituídos por casas e prédios, que sem a devida fiscalização das autoridades, não desenvolveu-se de forma correta, ocasionando diversos

⁵⁰ Ibidem. p. 71.

⁵¹ Ibidem. p. 64.

⁵² LAGO, Mara Coelho de Souza. Op. Cit., 1996. p. 113.

⁵³ VIEIRA, Paulo Barral de Hollanda Gomes. **Evolução da urbanização do bairro do Córrego Grande, Florianópolis/SC entre 1938 a 2009**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Florianópolis, 2010. p. 39.

⁵⁴ LAGO, Mara Coelho de Souza. Op. Cit., p. 36.

⁵⁵ CAMPOS, Edson Telê. Op. Cit., 2004. p. 101.

⁵⁶ OLIVEIRA, Fabrício Gabriel Gonçalves. Op. Cit., 2004. pp. 14-15.

⁵⁷ LAGO, Mara Coelho de Souza. Op. Cit., 1996. p. 52.

danos tanto ambientais quanto sociais. A pesca, trabalho principal de vários moradores tradicionais, passou a ser diretamente afetada pela poluição, fazendo com que muitos interrompessem essa atividade e buscassem outras formas de trabalho, ou a utilizassem como segunda opção de renda, para complementar a oficial.

Com o avanço da urbanização, do turismo e da pesca industrial, o trabalho tradicional, a lavoura e a pesca, é confrontado (diretamente) com outras formas de trabalho. As influências vindas de fora, estabelecendo pressão sobre espaços, a terra, o mar, tornam as atividades tradicionais mais difíceis. O trabalho também muda.⁵⁸

Segundo Mara Coelho de Souza Lago, com a descentralização da cidade de Florianópolis no processo de urbanização, áreas consideradas periféricas foram sendo “recuperadas” por moradores de classe média e alta, fazendo com que os habitantes anteriores se mudassem para locais mais distantes e encarecendo cada vez mais a localidade dessas moradias.

O estudo da ocupação do espaço pelo homem, o espaço humanizado, cultural, mostra um verdadeiro “mapa”, uma radiografia da diferenciação social. Os privilégios de classe, a discriminação de parte da população, estão perfeitamente retratados na ocupação do espaço. Nas áreas rurais aparecem mapeadas as estruturas fundiárias das diferentes regiões. Na ocupação dos espaços urbanos, as desigualdades sociais se refletem concretamente.⁵⁹

Além das questões sociais apresentadas acima, a expansão urbana desordenada da cidade de Florianópolis causou também diversos problemas ambientais. Segundo Edson Telê Campos⁶⁰, no período inicial de expansão não havia ao menos a preocupação por parte das autoridades em restringir construções que prejudicariam o meio ambiente. Pelo contrário, existia incentivo do governo militar para que a cidade ficasse com “cara de centro urbano”.

O meio ambiente tem sido agredido de tal maneira que os espaços disponíveis para o uso comum estão começando a ficar escassos e a perder o seu valor de uso. São mananciais, córregos, vegetação, flora, fauna e um aumento enorme na limitação de espaço nas cidades, que é o ambiente mais comum para as civilizações contemporâneas e, além disso, têm-se observado uma queda na qualidade de vida humana.⁶¹

⁵⁸ Ibidem. p. 180.

⁵⁹ Ibidem. p. 58.

⁶⁰ CAMPOS, Edson Telê. Op. Cit., 2004. pp. 104-105.

⁶¹ Ibidem. p. 19.

Mesmo com a implementação de diversos Planos Diretores⁶² ao longo dos anos, que com o tempo passaram a dar espaço às questões ambientais⁶³, os problemas causados pela expansão desordenada em Florianópolis só aumentam: poluição de praias, rios e córregos em consequência da falta de tratamento de esgoto; desmatamento e aterros para construção de prédios e casas; acúmulo de lixo, entre outros. Segundo Mara Coelho de Souza Lago, a degradação ambiental em um ambiente insular como Florianópolis acontece intensa e rapidamente com a expansão urbana:

A expansão urbana em um ambiente insular das proporções da Ilha de Santa Catarina tem limites próximos e bem marcados pelo contorno das águas que o circundam. A ocupação de seus morros, o desmatamento, a morte das nascentes, o aterramento dos mangues, a poluição das lagoas, dos rios, do mar, constituem-se em impactos capazes de provocar intensa e rápida degradação do meio ambiente.⁶⁴

Em um contexto mundial, a preocupação com essas questões surgiu inicialmente nos anos de 1970, mas no Brasil um pouco mais tarde, na década de 1990. O estudo do meio ambiente é essencialmente interdisciplinar, pois várias áreas de estudo além da História trabalham com essa questão⁶⁵. Assim sendo, ao levar em consideração a relação entre ser humano e natureza, a história ambiental, como tem sido trabalhada no momento atual, surgiu de um processo de revisionismo histórico do século XX⁶⁶, onde a história não deveria mais ser retratada a partir dos ícones e grandes heróis, mas sim compreendida através de outras vozes: as minorias. É nesse contexto que a história ambiental é introduzida e deve ser entendida, como afirma José Augusto Pádua:

(...) deve ser vista não como uma redução, e sim como uma ampliação da análise histórica. Ela leva adiante o movimento, observado desde o final do século XIX, no sentido de expandir as temáticas e dimensões da historiografia para além da história dos Estados e dos grandes personagens. Um movimento que se manifestou na história econômica, na história social, na micro-história, etc. Não se trata, portanto, de reduzir a análise histórica ao biofísico, como se esse aspecto fosse capaz de explicar todos os outros, mas de incorporá-lo de maneira forte – junto com outras dimensões econômicas, culturais, sociais e políticas – na busca por uma abordagem cada vez mais ampla e inclusiva de investigação histórica.⁶⁷

⁶² Por não ser o foco da presente pesquisa, uma discussão mais aprofundada sobre os Planos Diretores será realizada posteriormente, em outra oportunidade, em especial a questão de demarcação de áreas de proteção ambiental e zoneamentos da cidade e do bairro João Paulo.

⁶³ *Ibidem*. p. 16.

⁶⁴ LAGO, Mara Coelho de Souza. *Op. Cit.*, 1996. p. 62.

⁶⁵ DRUMMOND, José Augusto. *Op. Cit.*, 1991. p. 08.

⁶⁶ WORSTER, Donald. *Op. Cit.*, 1991. p. 198-199.

⁶⁷ PÁDUA, José Augusto. *As Bases Teóricas da História Ambiental. Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 24, n. 68, 2010. p. 94.

Segundo Donald Worster⁶⁸, a história ambiental teve, em seu início, um objetivo moral e político, como o de muitos outros movimentos dos anos de 1970, na qual o período era ainda conturbado por guerras, e perpassava diversas reformas culturais e políticas por todo o mundo. Contudo, com o tempo, a história ambiental foi passando por um amadurecimento acadêmico e, além do cunho político, tomou como objetivo principal entender como a natureza afeta a vivência do ser humano e, principalmente como o ser humano influencia a natureza e os resultados que dessas relações são alcançados.

É, portanto, baseado nessa história socioambiental, que o presente trabalho pretende, através das entrevistas realizadas, entender as relações entre ser humano e natureza no bairro João Paulo e as conquistas e consequências dessas relações para os diferentes moradores.

2.2 João Paulo em crescimento: permanências, mudanças e conflitos

Seguindo o fluxo de urbanização ocorrido na cidade de Florianópolis, naturalmente o bairro João Paulo também foi tendo seu crescimento urbano a partir da década de 1970. A construção da SC-401, que liga o Centro aos bairros e praias do Norte da Ilha, foi a grande facilitadora desse processo.

Ao longo de 20 anos, entre as décadas de 1950 e 1970, notou-se no bairro uma grande transformação das características rurais para urbanas, onde muitos dos espaços de cultivo agrícola ainda existentes passaram a ser ocupados por residências, como mostra a imagem a seguir, na qual, se comparada as imagens de 1938 e 1957, apresenta não mais apenas a rua central, mas já algumas ramificações e construções ao longo do bairro.⁶⁹

⁶⁸ WORSTER, Donald. Op. Cit., 1991. pp. 199-200.

⁶⁹ OLIVEIRA, Fabrício Gabriel Gonçalves. Op. Cit., 2004. p. 30.

Imagem 03 – Bairro João Paulo em 1977.



Fonte: IPUF apud SOUZA, 2009. p. 88.

Depois desse período inicial de urbanização da década de 1970, a década de 1990 foi outro pico de crescimento para o bairro e de maior mudança até aquele momento. Impulsionado pelas atividades de lazer e turismo da cidade de Florianópolis, que no ano de 1991 já contava com um total de 254.941 habitantes, conforme o censo/IBGE de 2000, o bairro João Paulo também passou a ser atrativo a novos moradores⁷⁰. Nos anúncios de jornais do período, residências e lotes estavam à venda no bairro, na época ainda chamado de Saco Grande I, como mostram as imagens a seguir, do DC classificados de junho de 1990:

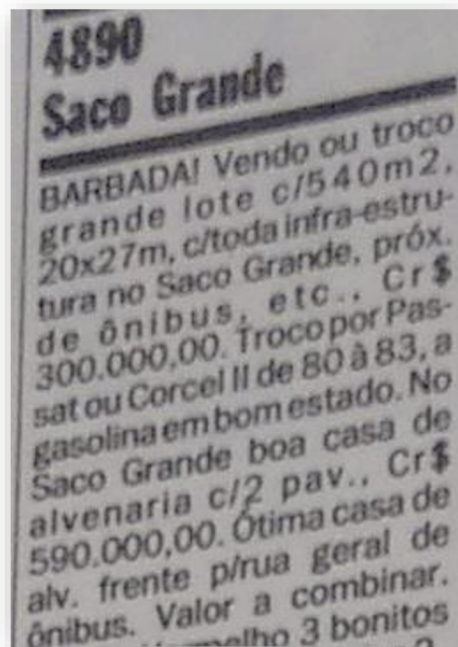
⁷⁰ Ibidem. p. 34.

Imagem 04 – Anúncio de casa no bairro Saco Grande I, atual João Paulo, em 1990.



Fonte: DC classificados, 03/06/1990. p. 39.

Imagem 05 – Anúncio de venda ou troca de lote no Saco Grande, atual João Paulo, em 1990.



Fonte: DC classificados, 07/06/1990. p. 38.

A década de 1990 marcou a transformação do bairro João Paulo, que deixou totalmente suas características rurais para trás, com crescimento cada vez maior. Na imagem a seguir é possível perceber, em comparação às imagens apresentadas do bairro anteriormente, que, além da rua geral, a qual era praticamente a única no final da década de 1930 e das poucas ruas e casas que surgiram entre as décadas de 1950 e 1970, em 1994 a urbanização já estava consolidada, com diversas ruas e residências e poucas áreas verdes.

Imagem 06 – Bairro João Paulo em 1994.



Fonte: IPUF apud SOUZA, 2009. p. 89.

Para compreender o período de urbanização do bairro João Paulo, nesta parte do trabalho as entrevistas continuarão a ser utilizadas, tanto as feitas com a primeira geração de moradores, com idades entre 53 e 86 anos, quanto as realizadas com a segunda geração, de 34 a 43 anos, analisando assim suas diferentes visões sobre o processo de crescimento do bairro.

É fundamental, ao se utilizar da história oral, compreender a subjetividade tanto dos sujeitos entrevistados quanto de suas narrativas e visões. É importante saber que elas são representações dos acontecimentos e estão sendo apresentadas a partir de memórias e vivências que são específicas para cada sujeito, mesmo que vividas em comunidade. Segundo Alessandro Portelli:

Representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de

trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações.⁷¹

Ter duas diferentes perspectivas de um mesmo acontecimento é enriquecedor, pois não é uma verdade que se busca ao fazer um trabalho através da história oral, mas sim, por exemplo, no caso da presente pesquisa, uma tentativa de entender e analisar criticamente o porquê dessas duas gerações terem concepções diferentes em relação ao crescimento do bairro em que nasceram e viveram.

Quando questionados sobre as mudanças percebidas por eles no bairro, os entrevistados da primeira geração atentam para os benefícios da comodidade, os quais não possuíam na época em que o bairro tinha características rurais.

Arlindo Aureo Ventura, pescador aposentado de 62 anos, nascido e criado no bairro, acredita que o crescimento foi positivo, porém pensa que ainda tem muito a crescer:

Mas acho que a evolução aqui tá muito boa, porque é um lugar mais tranquilo, calmo. O bairro aqui é um lugar que não expandiu demais, entende? Até que expandiu um pouco, porque quando eu cresci tinha dez casas, então hoje em dia tá... Mas ainda acho que falta uma melhoria boa pro bairro. No caso, seria um posto de gasolina, um banco 24 horas, uma caixa 24 horas, seria muito bom, sabe? O bairro não está demais, mas está um pouco atrasado ainda.⁷²

Cláudio Manoel da Costa, barbeiro aposentado de 86 anos, morador do bairro desde jovem, diz que com o crescimento surgiram mais oportunidades de se fazer carreiras diferentes além da pesca:

Mudou com o crescimento de prédios e a chegada de muita gente. O Itacorubi tem mais de 40 arranha-céus. No João Paulo foi transformado casas de estuque em arranha-céus. Temos o Angeloni, os dois mercados aqui e o outro que você falou. Tinha muita casinha de estuque. No Rio Vermelho, de uma ponta a outra, antigamente você encontrava uma porção de casinhas, mas agora só tem mansão. Cacupé, onde só havia pescador, agora tem doutor. É um progresso muito bonito, muito grande.⁷³

Para Valdívnia Lucia Ferreira, de 71 anos, nascida e criada no bairro, que tinha por profissão a lavagem, diz que o crescimento do bairro foi muito positivo para ela, pois pôde trabalhar como cozinheira no Hotel Maria do Mar por muitos anos, até sua aposentadoria:

⁷¹ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. In _____ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína [orgs.]. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. p. 111.

⁷² VENTURA, Arlindo Aureo. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁷³ COSTA, Cláudio Manoel da. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Marcos Laueremann dos Santos. (A.A)

Sim, ajudou. Ajudou bastante. Trabalhei muito tempo no Hotel Maria do Mar, um hotel maravilhoso, uns patrões maravilhosos, muito bons, né? A gente trabalhou bastante ali, a gente ganhou bastante dinheirinho pra criar os filhos também, pra ajudar. Os filhos trabalharam ali também, então sobre serviço a gente não tem reclamação, porque quem não trabalha não adquire nada, não tem nada, né?⁷⁴

Osmar Goulart, pescador aposentado de 62 anos, nascido e criado no bairro, também acredita nos pontos positivos do crescimento do bairro e que ele deve continuar crescendo, para que se tenha cada vez mais empregos e oportunidades:

O ponto é positivo, tem que crescer né? Tudo tem que crescer. Tás estudando, tem que ter um emprego pra ti, se não crescer, não tem emprego, não é isso? Tem que crescer, não é porque o bairro tá crescendo que o bairro tá acabando. Não, o bairro tá movimentando, tá crescendo, tá criando valor. É emprego pra todo mundo, é comida. Porque, como eu tava dizendo pra ti, hoje a pescaria, a fase tá boa, porque mora os ricos e tudo comem, tudo tem dinheiro pra comer. Naquele tempo não tinha. O primeiro empréstimo que tirei com o Banco do Brasil, eu tirei CR\$ 102 mil, pra pagar em cinco anos, nem vale mais. Hoje o dinheiro tá bem melhor de viver. Tem planos, se o pescador quiser comprar lancha, tem empréstimo. Pescador tá com tudo hoje. Hoje mesmo fui ver o advogado da colônia de pesca, tem quatro pra me atender, antigamente não tinha nenhum. Hoje tá bem melhor.⁷⁵

Já os moradores da segunda geração, filhos, sobrinhos, genros e noras dos entrevistados mais idosos, mostram uma percepção do crescimento do bairro muito diferente. Atentam para a diminuição das áreas verdes, das espécies de moluscos e peixes e, principalmente, para o problema da poluição da praia.

Deise Pereira, doméstica de 40 anos, nascida e criada no João Paulo, fala como era o bairro em sua infância e juventude e como a natureza foi se perdendo com o seu crescimento:

Mudou bastante, porque antigamente tinha bastante árvore frutífera. A gente podia brincar nos pés de carambola, de baguaçu, de laranja. E, com o crescimento, isso foi se perdendo pros nossos filhos. Não tem mais isso. A gente brincava no Canto da Bia, não tinha tanta poluição, tomávamos banho na praia, e isso foi se perdendo com o passar do tempo. Melhorou também, claro. Tem mais movimento, hoje tem vários mercados, farmácia, melhorou posto de saúde e muitas coisas, mas a natureza se perdeu um pouco.⁷⁶

Leoseis Goulart, pescador de 34 anos, nascido e criado no João Paulo, aponta para o aumento acelerado da lama na praia com o crescimento do bairro e da construção de prédios:

⁷⁴ FERREIRA, Valdívnia Lucia. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁷⁵ GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁷⁶ PEREIRA, Deise. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

Mudança é isso aí, os prédios, tá saindo muito prédio, muita coisa assim, né? Tá tendo muita mudança no bairro, porque o pessoal antigamente, quando era criança, esse loteamento aqui era só mato, hoje é só prédio. Hoje a nossa praia aqui, temos fotos antigas dela na associação, a praia era a coisa mais linda. Essa tubulação de cano não existia, hoje nossa praia tem o dobro da lama por causa da poluição, tudo que vem dos prédios vem tudo pra baixo. E a gente tá sentindo diferença rápida, não é devagar, não. A diferença tá sendo muito rápida. A lama já tá tomando conta da praia, já não tem mais. Antigamente ainda tinha um pedacinho de areia depois da água e da lama, mas agora só tem a lama, ela tá subindo muito por causa da poluição, né? Detergente, produto químico, Omo, Qboa, tudo isso aí. Vai jogando tudo da máquina de lavar e indo direto pra praia, então é isso que vai dando mudança, né?⁷⁷

Silvani Ferreira, de 43 anos, pescador, garçom e presidente da Associação de Pescadores do João Paulo, nasceu e cresceu no bairro e fala com saudade do seu tempo de juventude, apontando os pontos positivos e negativos do crescimento do local e ainda ressaltando que são os pescadores, que lidam diretamente com o mar, os que mais sofrem com a poluição:

Nosso bairro era tudo barro, hoje tá tudo asfaltado. Primeiro veio a lajota, depois o asfalto, mas antes era tudo estrada de barro, a gente brincava até nas poças de lama. Era assim, nosso bairro era maravilhoso, muita saudade. Não tinha todo esse crescimento que tem hoje, tinha bem mais mata, tinha bastante chácara, bastante fruta, a gente tava sempre comendo fruta. (...) O que considero bom é que vieram pessoas boas morar no nosso bairro, aqui. Agora, ruim é o esgoto, a falta de água, muito esgoto, não desce mais areia pra nossa praia, asfaltaram todos os morros, detonaram tudo, acabaram com a nossa figueirinha ali do lado da praça, nossos rios, que a gente entrava no começo do rio e ia quase até lá no colégio de canoa pescando. Não existe mais os rios, né? Então eu acho que o crescimento, pra nós aqui, trouxe bem mais malefício que benefício. Nosso bairro aqui foi detonado pelo crescimento desordenado e quem mais tá sofrendo com isso são os pescadores, porque todo esgoto para aqui na praia e a gente que vive do mar acaba sofrendo mais, né?⁷⁸

Em relação à poluição da praia local, independentemente da idade, os entrevistados apresentam opiniões diferentes, dando mais ou menos relevância para esse problema conforme seu grau de proximidade com a pesca. Percebe-se ainda que para alguns a poluição é, sim, um problema, mas um problema suportável se se levar em consideração os avanços e melhorias com que o bairro passou ao longo dos anos.

Cláudio Manoel da Costa, barbeiro aposentado de 86 anos, que costumava pescar em sua juventude para melhorar de problemas de saúde, acredita que a poluição existe, mas é controlada e que, mesmo assim, prefere os dias atuais:

Tem poluição, mas acho que não é tanto quanto falam. Ela é natural. Não gosto da poluição, mas prefiro os dias de hoje. Hoje tem mais fartura. Naquela época você

⁷⁷ GOULART, Leoseis. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁷⁸ FERREIRA, Silvani. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

plantava e comia, mas não tinha doces gostosos, era bolinho de frigideira, era banana assada. Hoje têm padarias, açougues, verduras.⁷⁹

Osmar Goulart, de 62 anos, é pescador aposentado e percebe o aumento da lama na praia e a dificuldade que isso causa aos pescadores, porém aparenta não notar a relação dessa situação com o crescimento desordenado de construções no bairro:

É um inferno essa lama, o cara bota uma bateira, empurrando uma bateira 50 metros na lama e, tendo o trapiche ali, o cara já encosta o barco, já descarrega ali, vão fazer um guincho pra levantar o peixe, pra não ser tão pesado. Ah, melhora, né? (...) Hoje nem se compara, tá bem melhor, o bairro tá cada vez melhor. Tá cheio de gente rica, quando chega o rico, chega a limpeza junto.⁸⁰

Valdívia Lucia Ferreira, de 71 anos, tem o marido e dois filhos trabalhando com a pesca. Para ela, a poluição, além da falta de segurança, foram os únicos pontos negativos do crescimento do bairro. Ela fala da dificuldade que os pescadores enfrentam em função da grande quantidade de lama, que tomou praticamente todo o espaço de areia que a praia tinha antigamente:

A poluição, sim. Aqui perto da minha casa não tem poluição, mas pra quem vem do Saco Grande pra cá, desses prédios ali em cima, aquilo ali é terrível. O ônibus quando passa ali, parece que tá tudo dentro do ônibus, o cheiro forte que tem, né? Mas nunca teve, porque era só praia, mangue, era morro. Agora fizeram aquelas fossas dos prédios, então nossos rios já tão mais poluídos, né? As praias também já tão mais poluídas. (...) E os pescadores passam trabalho, eles vão pegar o peixe lá fora, que é pra não pescar aqui. Eles vão pegar o peixe lá fora no mar grosso, porque lá já é água limpa, né? Quando eles chegam na terra, que eles vêm, é o maior sofrimento, eles chegam a amarrar um ao outro na barriga, pra poder puxar a lancha, porque é lama, é nojeira mesmo, então tão tendo dificuldade pra sair dali.⁸¹

Para Silvani Ferreira, pescador e garçom de 41 anos, a maior dificuldade em seu trabalho como pescador é a poluição da praia, que além de dificultar com o pescado, pode causar diversos tipos de doenças para quem trabalha diretamente na água do mar:

Hoje a maior dificuldade da nossa praia também é a poluição, né? Que a gente tá o tempo todo em contato com esse lodo aqui e a nossa praia tá muito poluída, então o que que acontece? Você tá com um machucado no pé, alguma coisa, pode pegar uma infecção, uma hepatite, doenças de pele. Você machuca o pé, demora pra cicatrizar, porque justamente a gente tá sempre em contato, porque não tem como usar bota no lodo, porque ela tranca, então a gente é obrigado a se expor descalço. Desce vidro,

⁷⁹ COSTA, Cláudio Manoel. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁸⁰ GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁸¹ FERREIRA, Valdívia Lucia. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

desce ferro, desce de tudo pela rede pluvial, pela água, né? A madame coloca o lixinho dela lá em cima do morro, o cachorro ou ratinho vai lá e rói, chove e vai parar na praia. Então é tudo isso aí, é todo esse desafio pra nós.⁸²

Deise Pereira, de 40 anos, é esposa e filha de pescadores, e conta como era a praia em sua infância e como a poluição a transformou:

A praia era bem limpinha, a areia branquinha, até uns 50 metros pra baixo era areia limpa, hoje é só lodo e lama. A gente podia tomar banho, vinha muitos turistas, e, como a gente morava pertinho, eles paravam na nossa casa pra pedir água. Mudou muito, como eu te falei, com a poluição acabou mudando. Com a vinda de mais pescadores artesanais também, a praia foi ficando mais para os pescadores daí.⁸³

Com o processo de urbanização do bairro João Paulo, a pesca passou por muitas mudanças, desde a diminuição do pescado e de espécies de molusco, à diminuição da procura por esta forma de trabalho com a chegada de novas oportunidades de emprego. Os próprios pescadores entrevistados têm diferentes perspectivas dessas mudanças também.

Osmar Goulart, pescador aposentado de 62 anos, ao ser questionado em relação às mudanças na pesca e diminuição do pescado, respondeu que não as percebeu, apenas que com novas oportunidades de trabalho, as pessoas passaram a não se interessar mais pela pesca:

Não, não. Tem muito peixe no mar, né? Aqui não, por essa baía não tem. Tem bastante camarão desde que eu me conheço por gente, mas tinha as horas ruins e as horas boas, como hoje tem as horas ruins e as horas boas. Hoje tá bem melhor, tem menos pessoas pescando, nossa praia tem umas 40 embarcações, nem todo mundo pesca. Naquela época todo mundo pescava, hoje muita gente já tá empregada, mas naquela época não tinha isso aí.⁸⁴

Silvani Ferreira, pescador e garçom de 43 anos, diz perceber a diminuição de algumas espécies de pescado e também a redução da procura pela pesca, já que para ele, as novas gerações estão estudando mais e, conseqüentemente, buscando outros trabalhos que exijam menos esforço:

Pesco desde os meus 12 anos. O que vejo de mudança é cada vez menos pescado e cada vez menos pessoas querendo pescar, né? Cada vez menos. Me lembro que antigamente pra gente conseguir uma vaga pra pescar, era difícil, a gente lutava, tinha que ser muito disciplinado pra poder estar ali na pesca. Hoje a gente tá implorando por pessoas que queiram pescar. A gurizada que tá vindo hoje quer estudar, quer ter

⁸² FERREIRA, Silvani. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁸³ PEREIRA, Deise. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁸⁴ GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

um emprego melhor. Ninguém quer estar no mar, porque no mar você enfrenta tempestade, você enfrenta surpresas, às vezes uma rede enrolada, então é complicado. O fundo do mar tem muita surpresa, a rede tranca em muitos lugares, então pescar é bem difícil, não é fácil, não. Você tem que acordar 4, 5 horas da manhã, com vento, com chuva, você tem que sair, porque é o horário da pesca, o pescado não tá nem aí, ele já mora lá mesmo, né? A gente tem que enfrentar frio, chuva e muitas vezes pegar tempestade lá fora. É difícil pescar, é difícil. Sem falar que a mão fica toda detonada, né? (...) A diminuição do pescado também é um problema seríssimo, né? Porque hoje em dia tem peixes que antes tinham bastante e tu não vê mais. Tem um peixe que a minha esposa adora, que é o galinho. Nunca mais eu vi o galinho no mar, não tem mais. Lá uma vez ou outra que ele aparece na rede, aí, mas a gente já solta ele, porque sabe que tá em extinção. Além de outros peixes, que agora não lembro o nome, que a gente não consegue mais encontrar, né? O berbigão não tem mais na nossa praia. Tinha o berbigão, o canivete, tinha o tatu da areia. Hoje não se encontra mais nada na nossa praia, a poluição terminou com tudo. E era uma forma de renda nossa também, a ostra, hoje em dia tem bem pouca.⁸⁵

Leoseis Goulart, de 34 anos, acredita não terem desaparecido ou diminuído certas espécies de pescado, para ele a pesca melhorou e tem mais qualidade e quantidade que antigamente, porque a procura pelo trabalho de pescador diminuiu:

Sumir não sumiu, mas com o tempo de pesca que tenho, sei que era mais difícil, tinha pouca produção e muito pescador. Hoje, não. Hoje, no meu ponto de ver, tem mais produção do que pescador, porque hoje os pescadores não querem mais, tão abandonando, tão saindo. Hoje tem muito mais peixe, qualidade e quantidade.⁸⁶

Iolanda Maria Pereira, de 53 anos, diz que com a poluição, diversas espécies de molusco, das quais tirava seu sustento, foram se acabando: “Acabou-se tudo. Antes tinha bastante coisa, bastante berbigão, ostra, a gente tirava marisco. A gente vivia, bem dizer, disso. Construí a minha casa tirando berbigão e ostra, trabalhei bastante pescando. E depois foi indo, indo, acabou tudo”⁸⁷.

A venda do pescado também apresentou mudanças e, novamente, os próprios pescadores têm diferentes opiniões sobre essas situações.

Para Osmar Goulart, de 62 anos, hoje está mais fácil a venda, porque muita gente procura, vêm na praia buscar, diferentemente de sua época de juventude, na qual tinha que sair com o peixe no carrinho de mão pela cidade:

O pescador chega de pescar aqui, atende o telefone ou liga e os carros vêm buscar na porta a mercadoria. Quem tem seu carro próprio, vai entregar. No meu tempo não

⁸⁵ FERREIRA, Silvani. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁸⁶ GOULART, Leoseis. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁸⁷ PEREIRA, Iolanda Maria. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

tinha isso aí, eu cansei de pegar o carro de mão aqui no João Paulo, eu saía no Itacorubi pra vender o peixe. O carro de mão eu tampava com folha de bananeira o peixe, passava pela Lagoa. Lá na subida do Morro da Lagoa tem a entrada que vai pro Pantanal, do Pantanal eu empurrava o carro de mão e uma buzina e ia até no Hospital Infantil, e ali já tinha que botar o peixe fora, porque já tava quente do sol, não tinha quem comesse, porque não tinha casa.⁸⁸

Silvani Ferreira, 43 anos, pensa diferente, que por um tempo a venda teve melhora, o pescador podia vender seu pescado diretamente para o restaurante ou para a peixaria do bairro. Porém, atualmente está sendo implementada uma lei que complicou essa situação, fazendo com que os pescadores ficassem à mercê dos que chamam de “pombeiros⁸⁹” e dos preços estipulados por eles:

Isso aí tá um problema sério, a venda do nosso pescado. Porque agora o Ministério Público determinou que o nosso pescado passe pelo entreposto, né? Então, aqui na nossa praia a gente não tem entreposto, nem condição pra montar, nem rancho pra guardar nossos barcos, embora seja a segunda maior colônia de pescadores da Ilha. Não tem nem lugar pra gente guardar nossos barcos, agora mais esse tal de entreposto, que tem que ter veterinário, tem que ter câmara, isso e aquilo. A gente tá à mercê dos pombeiros. Os pombeiros são aqueles que compram nosso pescado, então eles tão botando o preço que eles querem no nosso pescado, porque a gente não pode vender nem pra restaurante e nem pra peixaria, eles estão sendo beneficiados e nós, mais uma vez, estamos sendo prejudicados. Ninguém quer pescar, esses engravatadinhos aí, ninguém quer pescar. Quem pesca é o pescador sofredor, que agora nem tá conseguindo vender o pescado dele. Isso é um absurdo. Totalmente loucura desses engravatadinhos que querem fazer essas leis pra nós, aí.⁹⁰

Leoseis Goulart, de 34 anos, faz reclamações sobre a questão da implantação da lei sem que as autoridades explicassem aos pescadores como lidar com essa nova forma de venda:

Pra nós ela melhorou, mas agora tão arrumando uma lei aí, que o pescador pra vender o peixe tem que ter uma nota. Aí a gente tá tentando ver isso aí, se vai vingar. Se vingar a gente tem que procurar alguém que possa auxiliar a gente, né? A achar essa nota aí, porque eles querem que o pescador dê uma nota, uma nota da onde? O peixe já vai vir com a nota? Não vai. O peixe não tem como vir com a nota. Eles querem que a gente pegue uma nota, mas de quem? Só se, penso eu, deve ser tipo, a gente vai no pró-cidadão, eles dão um bloco de notas e a gente faz uma firma registrada. Só se for assim.⁹¹

⁸⁸ GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁸⁹ No bairro em questão existem dois significados para a palavra “pombeiro”. O primeiro deles seria um sujeito vendedor ambulante de galinhas, por exemplo. O segundo, que se encaixa na citação do entrevistado, é o indivíduo revendedor de peixes, que compra diretamente com os pescadores para vender no comércio.

⁹⁰ FERREIRA, Silvani. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁹¹ GOULART, Leoseis. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

Que essas duas gerações têm diferentes perspectivas no que diz respeito ao crescimento do bairro, não resta dúvidas. O importante é buscar compreender o porquê dessas diferenças existirem, entender o contexto temporal ao qual essas duas gerações pertencem e também suas experiências individuais, e assim perceber como essas questões determinaram suas opiniões em relação ao acontecimento da urbanização no bairro.

Segundo Jean-François Sirinelli⁹², é fundamental, ao se analisar as gerações, atentar para a importância do cuidado com as generalizações, pois é preciso ter em mente que além de pertencer a uma geração e à carga cultural, política e social que vêm com ela, o indivíduo possui ainda sua carga de experiências pessoais, familiares, em comunidade, que por ele é percebida de forma única, ou seja, é preciso considerar uma análise mais profunda e subjetiva dos indivíduos de certa geração, que a análise da geração em si.

Sendo assim, percebeu-se, através das entrevistas, que a geração de moradores com idades entre 53 e 86 anos, tende a ver o crescimento do bairro como positivo, porque o contexto de seu tempo de juventude era rural, com poucas oportunidades de trabalho, com dificuldades estruturais que hoje consideramos básicas, como eletricidade, água encanada, transporte, acesso à hospitais e postos de saúde, entre outros. Portanto, mesmo sabendo que o bairro perdeu muito em questões naturais, preferem ele como está hoje, porque a vida é mais tranquila e confortável do que era antigamente.

Já os entrevistados com idades entre 34 e 43 anos, nasceram e cresceram no contexto de expansão urbana da cidade de Florianópolis e conseqüentemente do bairro João Paulo. Muitos eram ainda crianças e pouco presenciaram os períodos com maior característica rural do bairro, que se transformava enquanto essa geração foi crescendo e se tornando adulta. Trazem em suas memórias, lembranças da praia limpa, onde podiam tomar banho, pegar ostras e berbigões, de poder pegar frutas na vizinhança, e sabem que seus filhos não puderam ter essas experiências, em função da poluição causada pela expansão do bairro. Em suas falas, deixam claro que com o crescimento, melhorias chegaram, como posto de saúde, escola, farmácia, mercados, mas tendem a ver a urbanização do bairro negativamente, creditando a ela a responsabilidade pelos problemas ambientais que enfrentam atualmente, principalmente com a pesca.

⁹² SIRINELLI, Jean-François. A Geração. In _____ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína [orgs.]. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. p. 132.

CAPÍTULO III - Quanto custa o pôr do sol?: especulação imobiliária, diferentes moradores e embates entre o público e o privado no João Paulo

3.1 A verticalização das construções no João Paulo dos anos 2000 e suas consequências

A década de 2000 apresentou a novidade da verticalização para o bairro João Paulo. Com a construção de prédios, ocorreu um aumento expressivo da densidade populacional local, que segundo dados do IPUF, passou de 1.153 habitantes no ano de 1996, para 3.057 habitantes no ano de 2000⁹³, ou seja, o bairro teve sua quantidade de moradores praticamente triplicada em apenas 4 anos, trazendo, conseqüentemente, complicações infraestruturais e sociais, como falta de água e de tratamento de esgoto.⁹⁴

O aumento da verticalização, com conseqüente incremento populacional, sobrecarrega a infra-estrutura urbana, a qual deve ser redimensionada às custas de toda a comunidade. Muitas vezes a modificação na legislação obedece mais a critérios políticos e econômicos do que técnicos, e áreas que não estão em condições de suportar uma demanda maior de infra-estrutura tem a densidade aumentada.⁹⁵

O processo de verticalização do bairro aconteceu simultaneamente com o período de aumento da propaganda turística voltada para Florianópolis, que apelava para a tranquilidade e as belezas naturais da cidade. Com a verticalização do João Paulo, impulsionada também pelo turismo, iniciou-se um processo de elitização local, onde casas e prédios de alto valor foram ocupando os espaços de áreas verdes ainda existentes.⁹⁶

As fotografias a seguir mostram parte deste processo de elitização do bairro João Paulo, a imagem 07 apresenta casas de alto valor em um condomínio, e a imagem 08 traz prédios. Ambas com o mar e a Área de Preservação Permanente da Ponta do Goulart ao fundo, cena essa que representa também a apropriação da natureza pelo mercado imobiliário, a qual será abordada mais adiante.

⁹³ SOUZA, Renata Regina de. Op. Cit., 2009. p. 58.

⁹⁴ OLIVEIRA, Fabrício Gabriel Gonçalves. Op. Cit., 2004. p. 40.

⁹⁵ BORTOLUZZI, Silvia Delpizzo. **Caracterização das funções e padrões de uso e ocupação do solo no centro de Florianópolis (SC)**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. p. 31.

⁹⁶ OLIVEIRA, Fabrício Gabriel Gonçalves. Op. Cit., 2004. p.18.

Imagem 07 – Processo de elitização do bairro João Paulo



Fonte: OLIVEIRA, 2004. p. 18.

Imagem 08 – Processo de verticalização do bairro João Paulo.



Fonte: OLIVEIRA, 2004. p. 19.

Conforme a construção de prédios no bairro foi crescendo, ficou evidente a falta de estrutura para suprir as demandas dos antigos e novos moradores. Começando pelas vias

públicas, estreitas e incapazes de suportar um volume muito grande de veículos⁹⁷. O entrevistado Leoseis Goulart, pescador de 34 anos, relata essa situação:

Pra tu ver, hoje o João Paulo aqui, a gente passava de carro ou de ônibus, ou até a pé, era uma tranquilidade. Hoje é só ver como os prédios tão criando um atrito. Pega aqui da igreja católica, ali do Saroba pra baixo, um ônibus pra passar ali, até com o carro já dá o bicho, porque fazem o prédio de um lado e não fazem recuado pra dentro do terreno, não fazem estacionamento, aí querem fazer o prédio na beirada da estrada com a calçada, assim as pessoas quando vão no prédio não podem botar o carro lá dentro e deixam tudo na estrada. Aí é um carro pro lado de cá e o outro pro lado de cá, tu quer passar e até pessoas de bicicleta, a gente tem que tá parando o carro pra deixar a pessoa ir na frente e a gente ir atrás. (...) Igual a descida do Hotel [Maria do Mar] de lá pra cá, ali construíram um prédio e eles recuaram um pouco a estrada, então ficou uma pista livre, mas já fizeram um recuado bem em cima de uma curva, tudo bem que não atrapalha muito, digo uns 50%, porque quem tá vindo de baixo não tá vendo quem tá subindo, então tira um pouco a visão. Mas não é igual aqui em baixo, aqui é um meio fio mesmo, e a pessoa passa por ali e a gente tem que esperar. A pessoa de bicicleta não consegue andar na calçada, porque é direto meio fio, aí a gente tem que parar pra ela passar e se vem um ônibus a gente tem que se enfiar em um beco, no meio dos carros, que é pra ele poder passar. Essa é a dificuldade que a gente tá vendo no dia a dia.⁹⁸

Outro agravante ocasionado pela expansão vertical do bairro foi a questão sanitária. O bairro sofre com a falta de tratamento de esgoto, o que acarreta no despejo de resíduos diretamente na praia local, aumentando cada vez mais o nível de poluição e de lodo, dificultando o trabalho dos pescadores.⁹⁹

Como já apresentado anteriormente, os moradores entrevistados perceberam o aumento da poluição da praia depois da construção dos prédios. Silvani Ferreira, de 43 anos, pescador e Presidente da Associação de Pescadores do bairro, acredita que se existisse uma rede correta de esgoto para os prédios, a praia não estaria tão poluída:

Eles foram botando prédio, mansões e não foram dando o certo cuidado, que é justamente a parte do saneamento básico. Como que vai colocar tanto prédio? E pra onde vai todo esse esgoto? Ele só tem um destino: o mar. Isso, pra mim, me deixa muito indignado. Se eles tivessem feito todos esses prédios, mas colocado rede de esgoto, com certeza a nossa praia não estaria do jeito que tá, né? E seria muito melhor pra todo mundo aqui. Nossos rios não estariam poluídos, a gente sabe que daqui muitos anos a falta de água vai ser grande, essa água poderia estar sendo aproveitada. Então, acho que não foi nada inteligente o que fizeram.¹⁰⁰

⁹⁷ SOUZA, Renata Regina de. Op. Cit., 2009. p. 58.

⁹⁸ GOULART, Leoseis. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

⁹⁹ SOUZA, Renata Regina de. Op. Cit., 2009. p. 77.

¹⁰⁰ FERREIRA, Silvani. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

Deise Pereira, nascida e criada no bairro, doméstica de 40 anos, relata como a falta de saneamento básico afeta diretamente a vida de quem depende do mar:

Meus pais e meus irmãos hoje em dia reclamam disso por causa da falta do saneamento básico, que vai tirando um pouco a vida dos peixes e camarões. (...) Aqui tinha bastante camarão, de pegar com tarrafa e hoje não tem mais tanto, né? Antes tinha a croa também, se pegava o berbigão, o canivete, quando a gente era pequeno. O lodo, o esgoto, acabou um pouco com a nossa praia.¹⁰¹

A imagem a seguir apresenta essa situação, onde prédios e casas se encontram na beira da praia, e a seta em vermelho aponta para uma rede de esgoto ilegal sendo despejada diretamente no mar.

Imagem 09 – Despejos de efluentes sanitários do bairro João Paulo.



Fonte: MACHADO, Fabrício. Junho/2009. In: SOUZA, 2009. p. 77.

As construções de prédios e casas de alto valor continuaram ao longo de toda a década de 2000 e ainda atualmente. Segundo dados do IBGE/2011, a população do bairro João Paulo continuou a crescer, passando de 3.057 habitantes no ano de 2000 para 4.774 em 2011¹⁰², e em consequência dessa elitização, iniciou-se um processo de encarecimento do local, resultando

¹⁰¹ PEREIRA, Deise. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

¹⁰² IBGE. Tabela 608 - População residente, por situação do domicílio e sexo – Sinopse. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=608&z=t&o=1&i=P>>. Acesso em: 24/10/2015.

em uma autosegregação dessas classes e dificultando o acesso à moradia de pessoas com menor poder aquisitivo:

A popularização do espaço turístico vai empurrando as elites burguesas para novos locais, novas fronteiras. É o fenômeno da auto-segregação, que utiliza o encarecimento do preço dos imóveis no interesse do uso exclusivo do espaço.¹⁰³

Segundo Márcia Fantin¹⁰⁴, a chegada à Florianópolis desses “estrangeiros” com maior poder aquisitivo, não foi bem recebida pelos “nativos” da Ilha, por diversos motivos, como contraste nos modos de vida, diferença salarial, de sociabilidade, entre outros. Esses conflitos, simbolicamente têm separado os “estrangeiros” dos “nativos”, já que:

(...) Embora dividam espaços tão próximos, com a servidão servindo de elo, isto não significa, em contrapartida, que haja muita sociabilidade entre eles. Muitos sequer se conhecem. Outros procuram fazer-se conhecidos, estabelecem uma espécie de troca de favores (cuidar da casa, do quintal, dos animais). Raros são os casos em que há uma sociabilidade maior, em que partilham os mesmos espaços de lazer, o futebol, as festas e pescarias, ou que partilham outras intimidades.¹⁰⁵

A autora ainda ressalta que: “os conflitos da cidade teriam motivação na “natural” dificuldade de lidar com a alteridade, ou seriam devidos ao histórico sentimento de rejeição ao “estranho”, ao “outro” que vai modificar o seu lugar e a sua vida”¹⁰⁶.

No bairro João Paulo a sociabilidade funciona de modo parecido ao explicitado pela autora Márcia Fantin. Os moradores de maior poder aquisitivo têm academia, quadra de esportes, parque para crianças, tudo dentro dos seus condomínios; já os moradores mais simples aproveitam a quadra do colégio, a praça com academia ao ar livre e a praia para atividades de lazer. Também é comum que alguns moradores mais simples façam trabalhos, chamados de “bicos” para moradores mais ricos, porém, através das entrevistas, os próprios depoentes não apresentam essa ideia de rejeição ao “estranho”, como será retratado logo a seguir e, novamente, percebeu-se a diferença das expectativas para a pesquisa na academia e a pesquisa em seu andamento.

3.2 A apropriação da natureza pelo mercado imobiliário: disputas entre o público e o privado

¹⁰³ LAGO, Mara Coelho de Souza. Op. Cit., 1996. p. 66.

¹⁰⁴ FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. pp. 34-46.

¹⁰⁵ Ibidem. p. 39.

¹⁰⁶ Ibidem. p. 42.

A economia de Florianópolis sempre teve a indústria da construção civil como base para seu desenvolvimento, com períodos de maior ou menor influência ao longo dos anos¹⁰⁷. Como já apresentado nos capítulos anteriores, desde a década de 1960 a cidade vem passando por um processo de desenvolvimento urbano, acelerado com o turismo a partir das décadas de 1980 e 1990, que também passou a ser grande propulsor da economia florianopolitana, tendo campanhas na mídia nacional e internacional sobre as belezas e a qualidade de vida da cidade, atraindo turistas, bem como possíveis novos moradores.¹⁰⁸

Com o desenvolvimento urbano avançado começaram problemas de diversos tipos, como poluição, trânsito, falta de segurança, entre outros. Foi nesse contexto que o mercado imobiliário percebeu o desejo de fuga dos transtornos da cidade por parte das classes média e alta e começou a utilizar-se da natureza como objeto de venda, como um produto exclusivo.¹⁰⁹

Wendel Henrique fez um estudo das propagandas utilizadas pelo mercado imobiliário de Florianópolis, segundo ele:

Uma campanha maciça na mídia vende as benesses da vida na Ilha de Santa Catarina. A natureza, a infra-estrutura, a educação, a sofisticação e a segurança são os aspectos vendidos pelo *marketing* de Florianópolis, capitaneado pelas grandes empresas do mercado imobiliário e pelo poder público, estadual e municipal.¹¹⁰

Pela natureza insular de Florianópolis, o mercado imobiliário da cidade se utiliza muito da valorização do mar, cobrando preços extraordinários por coberturas, por exemplo. A vista para o mar é propagandeada como um retorno à natureza, um refúgio para recarregar as energias de um dia de estresses no trânsito e no barulho da cidade. Entretanto, mesmo a vista sendo espetacular, como é o caso do bairro João Paulo e da Avenida Beira-Mar Norte, dois dos lugares mais caros de se morar na cidade, os outros sentidos parecem passar despercebidos, como o olfato, em função do mal cheiro dos esgotos sem tratamento¹¹¹. Isso mostra como a natureza passa a ser idealizada, fantasiada, e *glamourizada*, na qual sua contemplação, de longe, de dentro dos prédios, se tornou mais importante que sua qualidade e preservação.¹¹²

A natureza, dessa forma, passa a representar *status*, luxo para poucos. Os *slogans* utilizados nas propagandas parecem apresentar a natureza como parte do empreendimento

¹⁰⁷ CAMPOS, Edson Telê. Op. Cit., 2004. pp. 103-104.

¹⁰⁸ Ibidem. pp.123-131.

¹⁰⁹ ROCHA E SILVA, Christian Deni. **Cidade e Natureza: mercado imobiliário, turismo e desenvolvimento urbano em Ilhabela**. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Florianópolis, 2004. p. 35.

¹¹⁰ HENRIQUE, Wendel. **O direito à natureza na cidade**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 147.

¹¹¹ Ibidem. pp. 149-150.

¹¹² Ibidem. p. 105.

imobiliário e não o oposto. “Quando a imagem do espaço adquire um valor tão importante quanto o próprio espaço, passamos da vivência à contemplação, do uso à observação, da experiência à espetacularização”¹¹³.

No bairro João Paulo a situação não é diferente. O *Residencial Ilha Nuova*, um dos mais recentes prédios do local, tem como *slogan* “O prazer de estar perto do mar”¹¹⁴ e em sua propaganda aposta nas frases “região privilegiada”, “área nobre”, “umas das mais belas vistas de Florianópolis”:

Você cercado de beleza e conforto por todos os lados.
A rua João Paulo não é apenas mais um endereço. É uma região privilegiada, que está atraindo pessoas exigentes, que escolhem criteriosamente onde vão morar ou investir seu dinheiro. Esta área nobre, que brinda seus moradores com uma das mais belas vistas de Florianópolis, também permite que, em poucos minutos, se acesse as mais freqüentadas praias da Ilha, a universidade e o centro da cidade, usufruindo de um moderno sistema viário e de toda a infra-estrutura de apoio que a cidade oferece.¹¹⁵

A mais recente construção de luxo do bairro, o *Splendore Residenziale*, traz como *slogan* “Você diante do que a vida tem de melhor”¹¹⁶ e os apartamentos com e sem vista para o mar tem no mínimo R\$280 mil de diferença.¹¹⁷

No sentido de distanciamento dos problemas da cidade e aproximação com a natureza, as coberturas são ainda mais valorizadas e propagandeadas pelo mercado imobiliário. Uma cobertura duplex com vista para o mar no *Residencial Laélia Purpurata*, atualmente custa R\$ 1 milhão e 300 mil.¹¹⁸

Essa valorização e apropriação da natureza pelo mercado imobiliário e pelas classes média e alta, causou o aumento dos preços dos imóveis e terrenos no bairro João Paulo, a especulação imobiliária se tornou negócio rentável, o que acabou por dificultar a permanência dos filhos dos moradores tradicionais do local, tanto pelo preço quanto pela falta de espaço.¹¹⁹

Além disso a construção de prédios e casas dificultou o acesso às praias do bairro para o público e até mesmo o pôr do sol, facilmente avistado ao longo de todo o bairro, agora tem

¹¹³ ROCHA E SILVA, Christian Deni. Op. Cit., 2004. p. 35.

¹¹⁴ CONSTRUTORA FONTANA. Residencial Ilha Nuova. Disponível em: <http://www.construtorafontana.com.br/ilha_nuova/> Acesso em: 24/10/2015.

¹¹⁵ Ibidem.

¹¹⁶ BEO CONSTRUTORA. Splendore Residenziale. Disponível em: <<http://www.beoconstrutora.com.br/imoveis.php?tipo=3>> Acesso em: 24/10/2015.

¹¹⁷ OLX Imóveis. Splendore Resideziale. Disponível em: <<http://sc.olx.com.br/florianopolis-e-regiao/imoveis/splendore-residenziale-111651506>> e <<http://sc.olx.com.br/florianopolis-e-regiao/imoveis/splendore-residenziale-3-quartos-2-garagens-r714-500-00-117862178>> Acesso em: 19/10/2015.

¹¹⁸ VIVER IMÓVEIS FLORIANÓPOLIS. Residencial Laélia Purpurata. Disponível em: <<http://www.viverimoveisflorianopolis.com.br/imovel/cobertura-residencial-venda-joao-paulo-florianopolis-sc/CO0056>> Acesso em: 24/10/2015.

¹¹⁹ LAGO, Mara Coelho de Souza. Op. Cit., 1996. pp. 58-59.

menos visibilidade. A natureza vai rapidamente adquirindo valor pelo ponto de vista da propriedade privada e excluindo àqueles que não têm as mesmas condições.

A definição da natureza na cidade como uma mercadoria destinada a ratificar esta ideologia dominante implica a exclusão das classes economicamente inferiores do acesso à vida com a natureza. Legitima-se, no mundo das ideias e do mercado, a dominação ou a manutenção de privilégios.¹²⁰

Nas entrevistas realizadas com os moradores para a presente pesquisa, foi a eles questionado como se sentiam em relação aos prédios e casas de alto valor, e se essas construções afetaram suas vidas e como. Da mesma forma que para as outras perguntas, surgiram respostas diferentes, dependendo do entrevistado. A geração de mais idade pensa nos prédios como o motivo da valorização do bairro, já a geração mais nova não vê com maldade os moradores, acreditam ser boas pessoas, que não incomodam como vizinhos, mas tem a noção de que com o aumento de prédios e moradores, a poluição cresceu, e, além disso, muitos acessos para as praias foram fechados, o que dificultou o trabalho com a pesca, da qual tiram seu sustento.

Valdívia Lucia Ferreira, 71 anos, diz que com a chegada dos prédios e casas de alto valor, foram abertos armazéns, farmácias e lojas e que esses novos moradores não a incomodam e não interferem em seu modo de viver:

Aqui tem poucas pessoas, mas são tudo gente boa de conviver. Antigamente a gente comprava numa venda, agora já tem armazém, já tem farmácia, já tem lojinha. Não tinha, a gente comprava tudo lá embaixo no Centro. (...) Olha, eu me sinto bem. Porque pra mim, nada me incomoda. Tenho os prédios aqui nos fundos da minha casa, mas as pessoas são maravilhosas, não incomodam ninguém. A gente pode fazer uma festinha aqui, pode usar um som, claro que não vai usar até amanhecer o dia, mas não tem reclamação de ninguém. Se eles fizerem ali também, ninguém tem reclamação, porque não incomodam ninguém. Pra mim não interferiu em nada.¹²¹

Arlindo Aureo Ventura, 62 anos, também acredita na valorização do bairro com a chegada dos prédios:

Acho normal. Acho que valorizou um pouco, isso aqui há 25, 35 anos atrás, não tinha muito valor, hoje em dia expandiu mais um pouco. Tem prédio aqui, não muitos, mas em vista de antigamente tem muitos prédios. Acho que valorizou um pouco e pra mim até melhorou mais, porque pelo menos abriu uma farmácia aqui perto de casa. Acho que melhorou um pouco o bairro, não expandiu demais, mas melhorou.¹²²

¹²⁰ HENRIQUE, Wendel. Op. Cit., 2009. p. 109.

¹²¹ FERREIRA, Valdívia Lucia. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

¹²² VENTURA, Arlindo Aureo. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

Além dos problemas ambientais causados pelo aumento de prédios no bairro, como apresentado no capítulo anterior, os entrevistados colocam o fechamento de acessos para a praia como maior empecilho em consequência da construção dos prédios e casas.

Iolanda Maria Pereira, 53 anos, diz que a construção dos prédios não afetou nada em sua vida, porém, quando perguntada sobre o fechamento de locais, antes de fácil acesso, ela tem outra fala:

Não influenciou em nada na minha vida. Não trabalho com eles, não me fazem mal, são pessoas boas, mas não influenciaram em nada. (...) Tinha a entrada perto do Maria do Mar, tinha outra entrada aqui abaixo da minha casa, tinha outra mais depois. Tem essa que abriram agora. Tinham três ou quatro entradas pra praia do Barcela e os prédios fecharam tudo, desde lá do começo, acima do Hotel Maria do Mar, até aqui em baixo. A única entrada que tem hoje é só essa, porque abriram, né? A gente batalhou pra abrir.¹²³

Osmar Goulart, 62 anos, demonstra, ao longo de toda a entrevista, como o crescimento do bairro foi positivo para ele, mas relata também que alguns acessos para a praia foram fechados:

Só deu umas fechadas aqui na parte da praia, né? Quem comprou os terrenos da outra praia ali, fecharam. Mas aqui nessa praia ficou o mesmo caminho, temos três servidões boas, essa aqui, entra carro e sai carro se quiser, tem aquela outra do canto ali, que entra carro e sai carro e, tem a da parte da areia ali, que é uma rua também bem boa. Mas a outra praia, não. Foram comprando e fechando a passagem, agora abriram uma lá e parece que tão encrencando pra abrir mais ainda, não sei.¹²⁴

Leoseis Goulart diz que quer ver a cidade crescer, mas que está difícil para os pescadores, já que as construções colocam os muros em cima da praia e impedem o acesso à população:

Mas tu quer ver crescer, mas a gente que é pescador vê, passa pelo mar, não tem mais praia. Eles tão colocando casa e vão colocando cerca, muro em cima da praia, na beira da água. Então tem gente que vê por terra e a gente vê pelo mar, e não tem mais, né? Só tão dando autorização pra quem tem poder, não vejo nada de melhoria na nossa Ilha. Só vejo cada vez decair, porque melhoria tá tendo, mas é pra quem tem dinheiro, mas pras pessoas que já são nativas daqui, não vai ter melhoria nunca, vão é querer derrubar toda vida o nativo, entendeu?¹²⁵

¹²³ PEREIRA, Iolanda Maria. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

¹²⁴ GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

¹²⁵ GOULART, Leoseis. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

Deise Pereira, 40 anos, mostra como o Hotel Maria do Mar e alguns prédios e loteamentos dificultaram o acesso tanto para a pesca quanto para o lazer nas praias:

À princípio temos ali a prainha do Maria do Mar, a gente descia, transitava, passeava ali, e hoje em dia criaram muros e ficou dificultoso pros pescadores, pras pessoas tomarem banho ali. O crescimento em si, os loteamentos e prédios dificultaram um pouco, o trânsito cresceu mais, então é mais dificultoso hoje em dia.¹²⁶

Silvani Ferreira, 43 anos, conta com detalhes quais acessos foram fechados e como essa situação dificultou seu trabalho como pescador:

Sim, principalmente a praia do Barcela, aqui. A praia do Barcela nós tínhamos quatro ou cinco passagens pra lá, a gente passava pelo costão, aqui, colocaram muro em tudo, então não tem como a gente passar pra lá também, né? Foram fechando, foram fechando, fecharam tudo. Ficou cinco anos fechado, sem o acesso. Depois, com muita luta nossa, com muita briga, muita procura, a gente conseguiu abrir um acesso pra praia do Barcela, que hoje a gente tem um acesso lá. Agora veio uma ordem do juiz, pra cada 125 metros, até o final da praia, abrirem uma passagem. Vamos ver se isso vai ser cumprido, né? A lei foi dada, mas como no Brasil nem juiz tá mandando mais, não sei como vai ficar. Vamos ver. (...) Antes a gente passava pra Ponta do Goulart pela nossa praia, hoje tu não consegue mais passar, tem aquele muro ali que tá dentro d'água e tá colocado na lama, então a gente não tem mais acesso à Ponta do Goulart.¹²⁷

Em relação aos acessos para as praias e aos muros, citados pelo entrevistado Silvani Ferreira, no dia 24 de agosto de 2015 a Justiça Federal, atendendo à Ação Civil Pública nº 5001192-71.2014.4.04-7200, determinou que a Fundação Municipal do Meio Ambiente (Floram), a União e o réu particular dono do terreno a qual o muro fechava um dos acessos à praia do Barcela, derrubassem muros e outras construções ilegais que ocupassem as áreas de preservação permanente e bloqueassem acessos às Praias do bairro João Paulo. O réu particular teria 30 dias para retirar o muro e os entulhos, com multa diária de R\$1000¹²⁸. O Município foi condenado também a apresentar um estudo multidisciplinar, em até 60 dias, que previsse as aberturas de acessos às Praias do João Paulo a cada 125 metros, segundo determina o Plano Diretor. As aberturas precisariam estar prontas em até 120 dias, com placas de identificação a fim de orientar a população em relação à sentença¹²⁹. Na última visita de campo, no dia 26 de

¹²⁶ PEREIRA, Deise. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

¹²⁷ FERREIRA, Silvani. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A)

¹²⁸ MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Sentença determina a demolição de construções e a recuperação ambiental da área devastada. Disponível em: <<http://www2.prsc.mpf.mp.br/conteudo/servicos/noticias-ascom/ultimas-noticias/praias-do-joao-paulo-em-florianopolis-terao-acesso-livre-apos-acao-do-mpf>>. Acesso em: 25/10/2015.

¹²⁹ Ibidem.

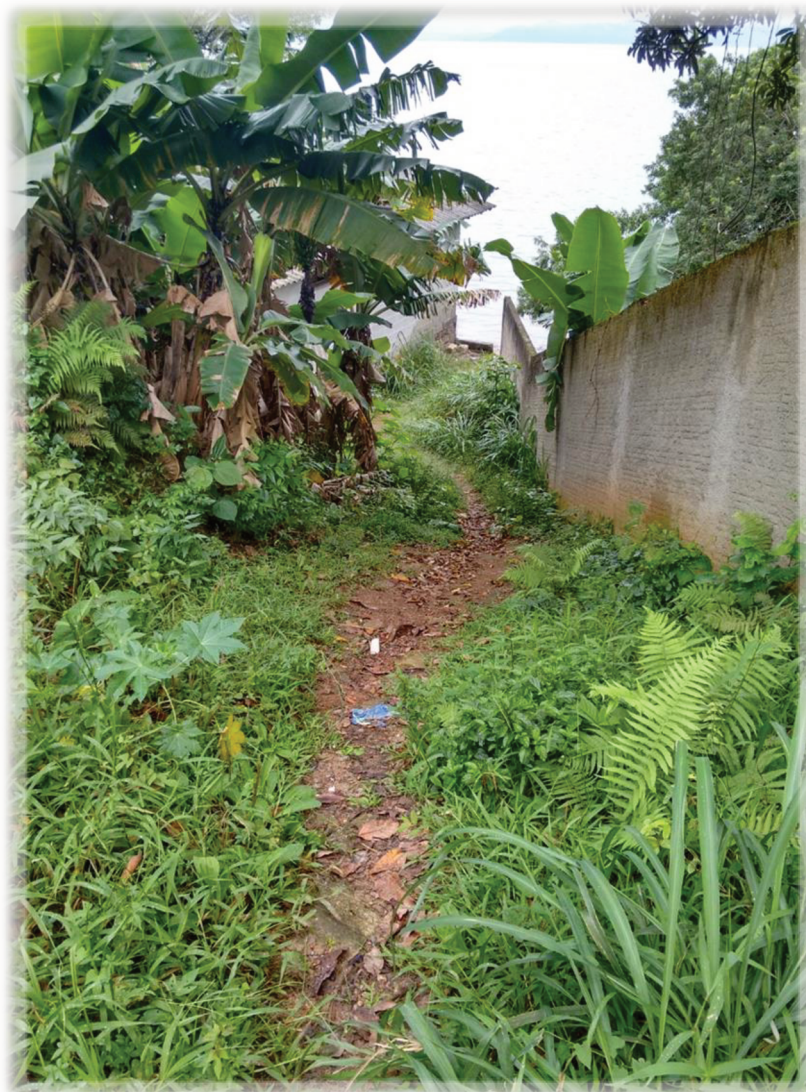
outubro, notou-se que as ruas que dão acesso à praia não estão sinalizadas, o muro que impedia a entrada à praia do Barcelo foi retirado e apenas um acesso precário foi aberto e identificado com placa, como mostram as imagens a seguir:

Imagem 10: Placa de identificação ao Acesso Público à praia do Barcelo.



Fonte: SOUZA, Manoela de. Visita de campo em 26/10/2015.

Imagem 11 – Muro retirado e acesso precário à praia do Barcelo.



Fonte: SOUZA, Manoela de. Visita de campo em 26/10/2015.

Contudo, até a última visita de campo, o muro impedindo o acesso à Área de Preservação Permanente da Ponta do Goulart continuava lá, como mostra a seguinte imagem:

Imagem 12 – Muro que impede a passagem à APP – Ponta do Goulart.



Fonte: SOUZA, Manoela de. Visita de campo em 26/10/2015.

Por fim, de modo geral, percebeu-se que a relação com a natureza não acontece da mesma forma para os diferentes moradores do bairro João Paulo. Os de classe média e alta tendem a apreciá-la da janela do apartamento, como artigo de luxo associado ao conforto; já os moradores mais simples tiram dela o sustento ou auxílio da renda familiar e são prejudicados quando as barreiras e a poluição tomam conta da sua forma de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos 40 anos, o João Paulo transformou-se de pouco urbanizado e ainda com características rurais, em um bairro elitizado e cada vez mais caro por consequência da especulação imobiliária. As mudanças ambientais causadas pelo crescimento urbano foram enormes, entre elas: rios e mangues foram aterrados e grande parte das áreas verdes desmatadas. Porém, a pior consequência desse crescimento foi a poluição das praias, por falta de tratamento sanitário adequado à população cada vez maior do bairro, gerando dificuldades para os moradores mais simples, que vivem da pesca ou a têm por suplemento da renda familiar.

Ao dar início à ideia da pesquisa, surgiram perguntas que, no momento, pareciam interessantes a se fazer. Todavia, no decorrer dos trabalhos com a fonte oral, diferentes respostas e questionamentos foram surgindo, o que se tornou ainda mais interessante de se analisar. As duas questões principais que pautaram o início da presente pesquisa eram as percepções dos moradores em relação às transformações ambientais no bairro e os choques ou embates entre os moradores tradicionais, pescadores e pessoas mais pobres, em relação aos novos moradores com maior poder aquisitivo.

Como foi visto ao longo de todo o trabalho, as duas gerações de moradores têm ideias bastante diferentes sobre esses pontos, o que surpreendeu de maneira positiva. Inicialmente existia a ideia de que todos os moradores veriam negativamente a poluição da praia, causada pela urbanização do bairro. Porém, com as entrevistas notou-se que a geração de mais idade, por ter passado sua infância e juventude em um bairro com poucas condições de trabalho e sem acesso à serviços que hoje consideram-se básicos, como água encanada, eletricidade, hospitais, postos de saúde, mercados e farmácias, tende a pensar na poluição como um mal aceitável, se comparado ao período de dificuldades que passaram no bairro de características rurais. Já a geração mais nova, que não presenciou muito do período rural, mas já um bairro em início de crescimento, apresentou uma perspectiva mais crítica em relação à sua urbanização e os impactos ambientais causados por ela, principalmente no que diz respeito às mudanças na praia e na pesca.

Em relação ao choque entre os moradores “nativos” e os novos, inicialmente tinha-se em mente a ideia da alteridade, na qual os antigos moradores não veriam com bons olhos os novos de classe média e alta, por pensarem que os mesmos ocupariam seus espaços e transformariam o bairro e seus modos de vida, como é um pensamento comum dos moradores tradicionais mais antigos da cidade. Porém, novamente as entrevistas trouxeram novos tons para essa questão. A primeira geração não apresentou reclamações em relação aos novos vizinhos e

sentiam-se bem, pois, segundo eles, o bairro foi valorizado com a chegada de moradores com maior poder aquisitivo. Já a segunda geração, mesmo mostrando não ver com maus olhos os novos moradores, apresentaram desapontamento e saudade do tempo em que podiam andar livremente pelas praias do bairro, sem os muros que as bloqueiam atualmente e, principalmente, sem os estragos causados pela poluição.

Os resultados inesperados foram de fundamental importância para rever as possibilidades iniciais da pesquisa e aceitar os novos caminhos trazidos pela fonte oral. Pois é essencial compreender as divergências entre o que se estuda na academia e o que podemos encontrar ao fazer a pesquisa com pessoas de diferentes realidades, como neste caso, os moradores entrevistados. Ainda mais importante é ter em mente que ao invés de tentar encaixar a qualquer custo as questões iniciais da pesquisa, deve-se aceitar as versões que surgem com a fonte e compreendê-las a partir de suas vivências, experiências e contextos diferenciados.

Em conclusão, foi enriquecedor dar voz a esses moradores, para, a partir de suas perspectivas, entender o crescimento do bairro João Paulo e as mudanças nele sofridas ao longo dos anos. Foi de extrema importância para a análise da pesquisa as diferentes visões dos moradores das duas gerações, que acabaram respondendo não apenas as questões iniciais, como suscitando novas e tornando a experiência ainda mais significativa.

FONTES

COSTA, Cláudio Manoel da. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Marcos Laueremann dos Santos. (Acervo da autora – A.A).¹³⁰

DC classificados, 03/06/1990 a 12/06/1990.

FERREIRA, Silvani. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A).

FERREIRA, Valdívnia Lucia. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A).

GOULART, Leoseis. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A).

GOULART, Osmar. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A).

PEREIRA, Deise. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza.

PEREIRA, Iolanda Maria. Entrevista realizada na casa da entrevistada, em Florianópolis/SC, no dia 03 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A).

VENTURA, Arlindo Aureo. Entrevista realizada na casa do entrevistado, em Florianópolis/SC, no dia 02 de setembro de 2015, por Manoela de Souza. Transcrição de Manoela de Souza. (A.A).

OUTRAS FONTES

BEO CONSTRUTORA. Splendore Residenziale. Disponível em: <<http://www.beoconstrutora.com.br/imoveis.php?tipo=3>> Acesso em: 24/10/2015.

BRASIL. Lei nº 5504, de 21 de julho de 1999. Disponível Em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/1999/551/5504/lei-ordinaria-n-5504-1999-dispoe-sobre-a-criacao-dos-bairros-no-distrito-sede-do-municipio-de-florianopolis-e-da-outras-providencias?q=jo%E3o%20paulo>> Acesso em: 13/09/2015.

BRASIL. Lei nº 1857, de 22 de setembro de 1982. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/1982/186/1857/lei-ordinaria-n-1857-1982-autoriza-a-doacao-de-area-de-terras-do-municipio-a-associacao-dos-servidores-municipais-de-florianopolis?q=saco%20grande>> Acesso em: 13/09/2015.

¹³⁰ As entrevistas realizadas estarão disponíveis no LABIMHA (Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental) e no LABHORAL (Laboratório de História Oral), a partir do primeiro semestre de 2016, após passarem por revisão.

CONSTRUTORA FONTANA. Residencial Ilha Nuova. Disponível em: <http://www.construtorafontana.com.br/ilha_nuova/> Acesso em: 24/10/2015.

GOOGLE EARTH. Localização do bairro João Paulo em mapa de Florianópolis. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Jo%C3%A3o+Paulo,+Florian%C3%B3polis+-+SC/@-27.6604816,-48.6098417,86768m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x9527389e573c6661:0x183904c0def8ae26>> Acesso em: 01/12/2015.

IBGE. Tabela 608 - População residente, por situação do domicílio e sexo – Sinopse. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=608&z=t&o=1&i=P>> Acesso em: 24/10/2015.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Sentença determina a demolição de construções e a recuperação ambiental da área devastada. Disponível em: <<http://www2.prsc.mpf.mp.br/conteudo/servicos/noticias-ascom/ultimas-noticias/praias-do-joao-paulo-em-florianopolis-terao-acesso-livre-apos-acao-do-mpf>>. Acesso em: 25/10/2015.

OLX IMÓVEIS. Splendore Residenziale. Disponível em: <<http://sc.olx.com.br/florianopolis-e-regiao/imoveis/splendore-residenziale-111651506>> e <<http://sc.olx.com.br/florianopolis-e-regiao/imoveis/splendore-residenziale-3-quartos-2-garagens-r714-500-00-117862178>> Acesso em: 19/10/2015.

VIVER IMÓVEIS FLORIANÓPOLIS. Residencial Laélia Purpurata. Disponível em: <<http://www.viverimoveisflorianopolis.com.br/imovel/cobertura-residencial-venda-joao-paulo-florianopolis-sc/CO0056>> Acesso em: 24/10/2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (orgs). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

ARAUJO, Camilo Buss. **Os pobres em disputa: urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa D'água, Florianópolis-anos 1950 e 1960**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, 2006.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado (Org); PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORTOLUZZI, Silvia Delpizzo. **Caracterização das funções e padrões de uso e ocupação do solo no centro de Florianópolis (SC)**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

CAMPOS, Edson Telê. **A expansão imobiliária e seus impactos ambientais em Florianópolis**. Editora Insular, 2004.

CARNEIRO, Maria José Teixeira. **Ruralidades Contemporâneas - Modos de Viver e Pensar o Rural na Sociedade Brasileira**. Editora Mauad, 2012.

CAROLA, Carlos Renato. Meio Ambiente. In: **Novos Temas nas Aulas de História**. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Contexto, 2009.

CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas socio-ambientais da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1997.

CIMADEVILLA, Gustavo. De la dicotomía urbano-rural a la emergencia urbana. Momentos y movimientos. **Revista Esboços** v. 12, n. 13, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/206>> Acesso em: 03/12/2015.

COSTA, Sandro da Silveira. **Santa Catarina: História, Meio Ambiente, Turismo e Atualidades**. Florianópolis: Postmix, 2011.

DELFINO, Deisiane dos Santos; SPANIOL, Ênio Luiz Spaniol; RAMOS, Ivoneti da Silva. **O processo de urbanização do distrito sede de Florianópolis/SC: um estudo a partir das inserções sociais**. Anais Encontros Nacionais da Anpur, vol. 15, 18p., 2013.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 177-197.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FALCÃO, Luiz Felipe. Palavras indesejadas: relatos que estorvam a ideia de uma história única e uniforme. **X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política**. Recife, 2010. s/p. Disponível em: <http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1269108838_ARQUIVO_HistoriaOral2010.pdf> Acesso em: 03/12/2015.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

HENRIQUE, Wendel. Florianópolis/Brasil – A felicidade não tem preço, tem endereço: condomínios, loteamentos e a apropriação da natureza. **Scripta Nova**. Barcelona. Vol. 9, n. 194 (14), 2005, s/p.

_____. **O direito à natureza na cidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Editora da UFSC, 1996.

_____. Modos de vida e escolaridade: aspectos do processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, v. 12, n. 16, 1994. p. 27-42.

LANG, Stefan; BLASCHKE, Thomas. **Análise da paisagem com SIG**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

LOHN, Reinaldo. **Pontes para o Futuro: relações de poder e cultura urbana**. Florianópolis, 1959 a 1970. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LUIZ, Karine dos Santos. **Considerações Acerca de Tendências do Processo de Segregação Sócio-Espacial no Distrito do Pântano do Sul Florianópolis-SC**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências e Humanas. Curso de Geografia. Florianópolis, 2008.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas**. 1982.

OLIVEIRA, Fabrício Gabriel Gonçalves. **Análise da Evolução do Processo de Ocupação Urbana no Bairro João Paulo**. Florianópolis – SC. Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia. – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências e Humanas. Florianópolis, 2004.

PÁDUA, José Augusto. As Bases Teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 24, n. 68, 2010. p. 81-101.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e Urbanização – um estudo de modernização em Florianópolis**. Florianópolis: Lunardelli, s/d.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina**. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1982.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e senso comum. In _____ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína [orgs.]. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. pp. 103-130.

REIS, Almir Francisco. **Ilha de Santa Catarina: permanências e transformações**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

ROCHA E SILVA, Christian Deni. **Cidade e Natureza: mercado imobiliário, turismo e desenvolvimento urbano em Ilhabela**. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Florianópolis, 2004.

SANTOS, Cristina Camilo dos. **O processo de urbanização da Bacia do Itacorubi: a influência da UFSC**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2005.

SOUZA, Renata Regina de. **Percepções ambientais sobre a área de preservação permanente da Ponta do Goulart, Florianópolis-SC**. Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. A Geração. In _____ FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína [orgs.]. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. pp. 131-137.

TOLEDO, Pedro Eduardo Ribeiro de; DAL SANTO, Mariane Alves. **A Urbanização do Bairro Pantanal em Florianópolis: Análise Temporal de 1957 até os Dias Atuais**. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

TRINDADE, Clarice da Costa. **Limites e Possibilidades de uma Gestão Democrática do Ambiente Urbano – Caso do Aterro do Saco dos Limões Florianópolis-SC**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

VARZEA, Virgílio. **Santa Catarina: a ilha**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.

VEIGA, José Eli da. A dimensão rural do Brasil. **Estudos: sociedade e agricultura**, v. 12, n. 1, p. 71-94, abr. 2004.

VIEIRA, Paulo Barral de Hollanda Gomes. **Evolução da urbanização do bairro do Córrego Grande, Florianópolis/SC entre 1938 a 2009**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Florianópolis, 2010.

VIKTOR, Tiago Alexandre. As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960. In: **Revista Santa Catarina em História**, v. 4, n. 2, 2011. p. 48-63.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.

ZANELA, Cláudia Cristina. **Atrás da porta: o discurso sobre o turismo na Ilha de Santa Catarina (1983-1998)**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

ANEXOS

Anexo 01: Roteiro de Entrevistas

- 1- Você permite que esta entrevista seja utilizada para trabalhos de pesquisa na Universidade?
- 2- Qual o seu nome?
- 3- Qual sua idade?
- 4- Você sempre morou no bairro João Paulo?
- 5- Se não, de onde era e quando se mudou?
- 6- E sua família?
- 7- Qual a sua profissão?
- 8- Se for pescador, a pesca é sua única ou principal forma de sustento? Se não qual outra atividade exerce? É no bairro ou fora dele? Até quando deu para viver desse trabalho? Mudou de ramo de atividade com o crescimento do bairro?
- 9- Agricultor: o que produzia, como vendia, dava para se sustentar apenas com isso? A terra era sua? Até quando deu para viver desse trabalho? Mudou de ramo de atividade com o crescimento do bairro?
- 10- Você tem notado mudanças na sua forma de trabalho com o passar do tempo?
- 11- E transformações no bairro? De que tipo? Caso seja do bairro, como era sua juventude, como você se divertia, segurança, etc.?
- 12- Encontra dificuldades para se deslocar em determinados locais do bairro que eram de fácil acesso antigamente?
- 13- Como se sente em relação aos prédios e casas de alto valor?
- 14- O que você considera bom ou ruim no crescimento do bairro?